

**FUNDAÇÃO INSTITUTO CAPIXABA DE PESQUISAS EM  
CONTABILIDADE, ECONOMIA E FINANÇAS – FUCAPE**

**EMERSON ATILIO BIRCHLER**

**A IDENTIFICAÇÃO DE FATORES EXTRÍNSECOS E INTRÍNSECOS  
NA INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ESTUDANTES**

**VITÓRIA  
2016**

**EMERSON ATILIO BIRCHLER**

**A IDENTIFICAÇÃO DE FATORES EXTRÍNSECOS E INTRÍNSECOS NA  
INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ESTUDANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), como requisito parcial para obtenção do Título em Mestre em Administração de Empresas.

Orientador: Professor Aridelmo Teixeira

**VITÓRIA  
2016**

**EMERSON ATILIO BIRCHLER**

**A IDENTIFICAÇÃO DE FATORES EXTRÍNSECOS E INTRÍNSECOS NA  
INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ESTUDANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, da Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Aprovada em 16 de setembro de 2016.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Aridelmo José Campanharo Teixeira**

Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças  
(FUCAPE)

---

**Prof. Dr. Fernando Caio Galdi**

Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças  
(FUCAPE)

---

**Prof. Dr. Rogério Dias Correia**

Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças  
(FUCAPE)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por estar sempre ao meu lado, me iluminado e me protegendo.

À minha esposa, pelo amor pleno a mim dedicado.

Aos meus filhos, pela compreensão e pela alegria energizadora.

À minha família, pela ajuda e orações.

Ao meu orientador, pela paciência e sabedoria.

Ao IFES, pela oportunidade que me foi dada.

Aos meus colegas, pelo apoio e companheirismo

*“Deus escreve certo em linhas tortas.”*

Dito popular

## RESUMO

Reconhecendo o papel de destaque do empreendedorismo dentro do cenário econômico mundial, o objetivo desta pesquisa é identificar os fatores extrínsecos e intrínsecos que influenciam a intenção empreendedora. A amostra escolhida, por conveniência, foi estudantes do Instituto Federal do Espírito Santo – IFES -, uma vez que o autor é servidor do quadro permanente da instituição e os dados foram obtidos a partir da resposta destes alunos a um questionário que utiliza as variáveis da Teoria do Comportamento Planejado – TCP (atitude, norma subjetiva e comportamento percebido) para se chegar ao resultado de suas influências sobre a intenção empreendedora. Além destas três variáveis, uma quarta foi obtida por meio de resposta dos estudantes sobre a sua participação, ou não, nos auxílios da Política de Assistência Estudantil do IFES. Realizada a compilação dos dados e, por conseguinte, as regressões por meio do programa Stata, observou-se que somente fatores intrínsecos, representados pelas variáveis atitude e comportamento percebido, influenciaram a intenção empreendedora e que a variável fatores socioeconômicos, um dos fatores extrínsecos, influencia o comportamento percebido para depois este influenciar a intenção empreendedora. A partir destes resultados, este estudo pretende contribuir no apoio aos programas de empreendedorismo em instituições de ensino destinados a incentivar os estudantes a abrirem o seu próprio negócio e na concepção de iniciativas de educação mais eficazes relacionadas ao tema. A limitação desta pesquisa encontra-se na incerteza quanto ao comprometimento dos respondentes e na imprevisibilidade do comportamento se confirmar no futuro, motivo pelo qual novas pesquisas deverão ser realizadas para correção de possíveis distorções.

**Palavras-chaves:** Empreendedorismo, Teoria do Comportamento Planejado, Programa Nacional de Assistência Estudantil, Política de Assistência Estudantil.

## **ABSTRACT**

Recognizing the important role of entrepreneurship in the global economic scene, the objective of the research is to identify the extrinsic and intrinsic factors that influence the entrepreneurial intention. The sample chosen by the author, for convenience, were students of Instituto Federal do Espírito Santo - IFES-, where he works and the data were obtained from the answers of the students to a questionnaire that uses the variables of the Theory of Planned Behavior – TPB (attitude, subjective norm and planned behavior) to get the result of their influence on the entrepreneurial intention. Besides to these three variables, a fourth was obtained by response from students about their participation, or not, in aid of the Student Assistance Policy of IFES. After finished the compilation of the data and therefore the regressions through Stata, it was observed that only intrinsic factors, represented by the attitude and perceived behavioral variables, influence the entrepreneurial intention and the variable socioeconomic factors, one of extrinsic factors, influences the behavior perceived to after to influence the entrepreneurial intention. From these results, this study aims to contribute in supporting entrepreneurship programs in education institutions to encourage students to open their own business and in the design of more effective education initiatives related to the theme. The limitation of this research is uncertain as to the commitment of respondents and non-confirmation behavior in the future, which is why further research should be carried out to correct possible distortions.

**Key words:** Entrepreneurship, Theory of Planned Behavior, National Student Assistance Program, Student Assistance Policy.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Campi participantes, curso, modalidade e quantidade de respondentes .....	45
Quadro 2 – Identificação de variáveis .....	47
Quadro 3 – Influência das variáveis atitude, norma subjetiva, comportamento percebido e fatores socioeconômicos sobre a intenção empreendedora .....	51
Quadro 4 - Retiradas as variáveis da TCP (atitude, norma subjetiva e comportamento percebido) .....	54
Quadro 5 - Retiradas as três variáveis da TCP (atitude, norma subjetiva e comportamento percebido) e a variável renda familiar .....	56
Quadro 6 - Retiradas duas variáveis da TCP: atitude e comportamento percebido .....	58
Quadro 7 - Norma subjetiva como variável dependente no lugar de intenção empreendedora. Retiradas duas variáveis (atitude e comportamento percebido).....	59
Quadro 8 - Atitude como variável dependente e retiradas duas variáveis da TCP: atitude e comportamento percebido.....	61
Quadro 9 - Comportamento percebido como variável dependente e retiradas de duas variáveis da TCP : atitude e norma subjetiva .....	63
Quadro 10 - Influência das variáveis da TCP sobre a variável dependente fatores socioeconômicos.....	65
Quadro 11 - Resumo da influência da variável fatores socioeconômicos .....	66

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 1 – IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS RELATIVAS AOS FATORES EXTRÍNSECOS NO QUESTIONÁRIO .....	43
TABELA 2 – IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS RELATIVAS AOS FATORES INTRÍNSECOS NO QUESTIONÁRIO.....	43
TABELA 3 – IDENTIFICAÇÃO DA VARIÁVEL INTENÇÃO EMPREENDEDORA NO QUESTIONÁRIO.....	44

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
2.1 INTENÇÃO EMPREENDEDORA .....	16
2.2 TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO .....	18
<b>2.2.1 Atitude .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.2 Norma Subjetiva .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2.3 Controle Comportamental Percebido .....</b>	<b>23</b>
2.3 FATORES EXTRÍNSECOS .....	24
2.4 FATORES INTRÍNSECOS .....	32
2.5 EMPREENDEDORISMO POR NECESSIDADE E POR OPORTUNIDADE .....	35
2.6 JUVENTUDE EMPREENDEDORA .....	38
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>41</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>49</b>
4.1 REGRESSÃO .....	49
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>67</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>70</b>
<b>APÊNDICE I - QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO...</b>	<b>83</b>

## Capítulo 1

### 1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico das nações (BRUTON ET AL., 2008; DJANKOV ET AL., 2006; AZHAR ET AL., 2011; MALECKI, 1993; ESTAY ET AL., 2013; GURLEY-CALVEZ E BRUCE, 2008; COLLINS ET AL., 2004; LINAN E SANTOS, 2007; LINAN ET AL., 2011; SCHWENKENBERG, 2014; EDOHO, 2015; THÉBAUD, 2010; LEUNG ET AL., 2012) que são caracterizadas, segundo Bruton et al. (2008), por uma crescente orientação para o mercado e uma base econômica em expansão. Esta evolução, de acordo com Anca et al. (2009), depende do empreendedorismo bem sucedido combinado com a força das empresas estabelecidas.

O empreendedorismo é explicado por Acs e László (2009) como sendo a interação entre atitudes, atividades e aspirações empreendedoras que variam ao longo das fases de desenvolvimento econômico enquanto Montanye (2006) o define como o modo pelo qual os indivíduos adquirem propriedade (direito de propriedade) nas rendas econômicas de sua criação. Linán et al. (2011) mostram outra definição: processo onde os empreendedores interagem com seu ambiente para identificar uma oportunidade e, eventualmente, iniciar um novo empreendimento.

Estes empreendedores, devido a sua importância na criação de riqueza, tanto pessoal como social, têm sido objeto de estudo intensivo (BARON, 1998). Bruck et al (2012) os definem como sendo aquele indivíduo que cria e administra uma firma,

classificado como trabalhador independente e ganha renda a partir de uma pequena empresa e dos seus objetivos. Já para Schumpeter (1951), o empreendedor é um inovador que introduz novos serviços, produtos ou tecnologia.

Esta intenção empreendedora para começar uma nova empresa tem sido um tema importante no campo do empreendedorismo (ZHANG et al, 2015). Ela significa, segundo Rantanen e Toikko (2014), o desejo de uma pessoa de trabalhar como empresário no futuro e sua aspiração em direção ao empreendedorismo ou, de acordo com Azhar et al. (2011), o nível de determinação em escolhê-lo como uma carreira.

A fim de identificá-la, esta pesquisa utilizou a Teoria do Comportamento Planejado (TCP), idealizada por Ajzen (1991) e utilizada por autores como Paço et al. (2011), Yang (2013), Kolvereid (1996), Zhang et al. (2015) e Papzan et al. (2013), que é um instrumento adequado para modelar o desenvolvimento da intenção empreendedora por meio de processos pedagógicos e contextos de aprendizagem.

A TCP postula que o comportamento é uma função de crenças relevantes que são consideradas os determinantes prevaletentes de atitudes, intenções e comportamento de uma pessoa (AJZEN, 1991). Ainda, Basu e Virick (2008) afirmam que esta teoria indica que a intenção empreendedora é dependente das atitudes de um indivíduo em direção à conveniência de uma carreira empresarial, normas subjetivas, incluindo expectativas da família e amigos para executar o comportamento e controle comportamental percebido ou capacidade percebida para executar o comportamento desejado de entrar no empreendedorismo.

Além da percepção do indivíduo e em consonância com a TCP, a decisão de empreender, segundo Minniti e Nardone (2007), é influenciada por uma ampla variedade de fatores socioeconômicos, dentre eles: situação de emprego, renda, idade, escolaridade e gênero. Estas variáveis, de acordo com Le'Vesquea e Minniti (2006), podem ser classificadas como fatores extrínsecos, que são as características do ambiente em que são tomadas as decisões empreendedoras, enquanto que as características do indivíduo classificam-se como fatores intrínsecos.

Ao abrir o seu próprio negócio, Acs (2006) e Fuentelsaz et al. (2015) identificam dois tipos de empreendedores cujos efeitos sobre o desenvolvimento e o crescimento econômico são claramente diferentes: por oportunidade, que está relacionado com a identificação de boas oportunidades de negócios, e por necessidade, que começa um novo empreendimento por causa da falta de melhores oportunidades de emprego.

No caso dos jovens, Rantanen e Toikko (2014) relatam que a intenção empreendedora é influenciada por suas apreciações pessoais de empreendedorismo, pelas expectativas de seu círculo mais próximo e por sua própria percepção de ser uma pessoa com capacidade de ser um empreendedor. Cheungi e Chan (2011) complementam que, na sociedade em rápida mudança, a taxa de desemprego entre estes jovens é alta e os conhecimentos aprendidos na escola são insuficientes para eles competirem no mercado.

Apesar de insuficiente, Souitaris et. al. (2007), Basu e Virick (2008) e os próprios Cheungi e Chan (2011) destacam que a educação para o empreendedorismo tem um

efeito positivo sobre as atitudes e Lazear (2005) acrescenta que os estudantes que estudam um currículo mais variado são mais propensos a serem empreendedores. Porém, Ndirangu e Bosire (2004) alertam que o envolvimento do aluno em atividades comerciais enquanto estuda pode afetar adversamente suas atividades acadêmicas de longo prazo e suas realizações.

Explicada a importância do empreendedorismo para a economia e para a sociedade como um todo, em especial, para os estudantes, pretende-se chegar a resposta do questionamento desta pesquisa: **quais fatores extrínsecos e intrínsecos influenciam a intenção empreendedora de estudantes?**

Para se chegar a esta resposta, a amostra escolhida foi estudantes do Instituto Federal do Espírito Santo – IFES –, que responderam um questionário, fielmente traduzido, formulado por Linán e Chen (2009), onde se procurou identificar a intenção empreendedora e a influência de fatores socioeconômicos sobre ela.

Este estudo se justifica por causa da importância de gestores e pessoas que trabalham com estudantes conhecerem os fatores (extrínsecos ou intrínsecos), que influenciam a intenção empreendedora destes alunos, a fim de planejarem suas ações de inserção ou continuidade do tema empreendedorismo de forma mais eficiente dentro de suas organizações. Outra justificativa é a relevância deste tema no desenvolvimento econômico e no crescimento profissional de jovens estudantes, do aumento do interesse sobre o tema, refletindo em uma grande quantidade de trabalhos científicos publicados e na presença da disciplina Empreendedorismo em diversos cursos

superiores do Brasil, inclusive no IFES como obrigatória.

A fim de responder a pergunta acima, formulou-se o seguinte objetivo geral:  
**identificar os fatores extrínsecos e intrínsecos na intenção empreendedora de estudantes.**

Os resultados encontrados nesta pesquisa foram iguais aos de Ajzen (1991), Linán e Chen (2009), Linan et al. (2011), Armitage e Conner (2001), Autio et al. (2001), Krueger et al (2000), Kristiansen e Indarti (2004), Carey et. al (2010) e Robledo et al. (2015) onde verifica-se fatores intrínsecos (variáveis atitude e comportamento percebido) influenciando a intenção empreendedora e insignificância para fatores extrínsecos (variáveis norma subjetiva e fatores socioeconômicos). Já os estudos de Chen e Lai (2010), Minniti e Nardone (2007), Tkachev e Kolvereid (1999), Yang (2013) e Kolvereid (1996) encontraram significância para ambos os fatores.

Assim, esta pesquisa pretende contribuir para o apoio aos programas de empreendedorismo em instituições de ensino destinados a incentivar os estudantes a abrirem o seu próprio negócio, para a concepção de iniciativas de educação mais eficazes relacionadas ao tema, para o foco por parte dos gestores nos fatores intrínsecos (atitudes e comportamentos) que levam os indivíduos a empreenderem e para a confirmação que a TCP é um instrumento seguro para se identificar a intenção empreendedora.

## Capítulo 2

### 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O aumento da necessidade de maior criatividade e das capacidades empresariais relacionou o papel dos empreendedores com as grandes mudanças que ocorreram nas últimas décadas, como o ritmo acelerado de desenvolvimento tecnológico e o crescente processo de globalização derivado da liberalização dos mercados e da transição dos países ex-comunistas ao capitalismo (LINÁN E SANTOS, 2007).

O crescimento das atividades empreendedoras levou, conforme Azhar (2001), à criação de oportunidades de trabalho e vários outros benefícios econômicos para diversos setores da sociedade. Segundo o autor, isso acontece porque atividade empreendedora é a combinação de risco e inovação, ocasionando a criação de novas empresas que oferecem produtos e serviços inovadores, o que, eventualmente, levam a uma contribuição significativa para o desenvolvimento da economia.

Para Kovalainen (2006), estas atividades empreendedoras não residem apenas nos valores monetários e econômicos mensuráveis, como o crescimento e desenvolvimento da economia nacional, mas também nos valores sociais e culturais engendrados por um espírito empreendedor. Zamfir et al. (2013) complementam que elas reduzem o desemprego e o risco de delinquência juvenil, aumentam a inclusão e a autoconfiança, melhoram as habilidades e os conhecimentos e promovem a inovação e novos nichos econômicos.

Alvarez e Barney (2013) ressaltam, porém, que esta atividade nem sempre leva ao crescimento econômico e que as oportunidades de se tornar um empregado independente, muitas vezes exploradas em extrema pobreza, não levam a soluções de crescimento sustentável. Além disso, afirmam que a falta de capital humano e financeiro necessários para formarem e explorarem essas oportunidades tem limitado o impacto do empreendedorismo no alívio da pobreza.

Nesta intenção de empreender, os indivíduos diferem na vontade e na capacidade de agir, porque são diferentes uns dos outros, e esta variação tem efeitos importantes sobre o processo empreendedor (SHANE et al., 2003).

## 2.1 INTENÇÃO EMPREENDEDORA

A intenção empreendedora é o centro da TCP (AJZEN, 1991) e, de acordo com esta teoria, indica o esforço que a pessoa vai fazer para realizar um comportamento empreendedor e, assim, capta os três fatores motivacionais (atitude, norma e comportamento) ou antecedentes, influenciando o comportamento (AJZEN, 1991; LINÁN, 2004; BAE ET AL., 2014). Bird (1988) complementa que ela orienta o indivíduo na sua definição de metas, comunicação, compromissos, organização e outros tipos de trabalho.

Mesmo que o impacto dos fatores econômicos, sociais, dentre outros, ajudem a prever os resultados do desempenho empreendedor (GADDAN, 2007), Chitakornkijasil (2011) ressalta que todas as empresas têm um ponto de começo no tempo: é

necessário, uma vez, ter tido um empreendedor ou uma equipe empreendedora que transformou um conceito em uma empresa.

As ideias e intenções destes empreendedores, de acordo com Bird (1988), formam o modelo de estratégia inicial de uma nova organização e são importantes alicerces do novo empreendimento. Para que o novo negócio se torne realidade, Gnyawali e Fogel (1994) acrescentam que os empresários inovadores necessitam de ajuda na realização de estudos de mercado, na elaboração de planos de negócios e na obtenção de empréstimos.

Além destas necessidades, Baron (1998) mostra que os processos cognitivos estão longe de serem totalmente racionais, pois o pensamento é muitas vezes influenciado por uma série de fontes de viés e erros potenciais e os empreendedores enfrentam situações que tendem a sobrecarregar sua capacidade de processamento de informação.

Porém, Shane et al. (2003) destacam que o empreendedorismo não é apenas o resultado da ação humana; fatores externos também desempenham um papel relevante, como, por exemplo, o estado da economia, a disponibilidade de capital de risco, as ações dos concorrentes e as regulamentações governamentais. No entanto, o autor completa que, mantendo-se constantes os fatores ambientais, a motivação humana desempenha um papel crítico no processo empreendedor para toda a sociedade no longo prazo.

## 2.2 TEORIA DO COMPORTAMENTO PLANEJADO

O modelo teórico padrão para explicar as intenções e comportamentos empreendedores de estudantes é a TCP (AJZEN, 1991; SHOOK et al., 2003). Um dos benefícios da estrutura desta teoria, de acordo com Krueger et al. (2000), é que, centrando-se nas intenções ao invés de simplesmente nas atitudes, aumenta a capacidade de identificação de tendências de longo prazo.

Segundo Zhang (2015), ela fornece uma estrutura conceitual para examinar a intenção, na qual se verifica três determinantes predominantes: atitudes, norma social e o controle comportamental percebido. Atitude diz respeito ao grau do qual um indivíduo tem uma avaliação positiva ou desfavorável dos componentes do comportamento em questão; norma social aborda a pressão social percebida de realizar ou não realizar o comportamento; e o último fator determinante é sobre recursos e oportunidades que são necessárias para realizar o comportamento.

Em relação à teoria citada, verifica-se diferentes resultados ao que se refere ao impacto das variáveis na intenção empreendedora. Nos estudos de Linan et al. (2011), por exemplo, os resultados sugerem que os fatores mais relevantes são a atitude pessoal e o controle comportamental percebido, diferentes dos de Rantanen e Toikko (2014), nos quais o controle comportamental percebido é mantido, as normas subjetivas apresentam-se como importantes e a atitude não é significativa. Para os autores, uma atitude sozinha não prevê o desejo de se tornar um empreendedor.

Os trabalhos de Tkachev e Kolvereid (1999), Yang (2013) e Kolvereid (1996), como previsto na TCP, indicaram atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido positivamente correlacionado com a intenção empreendedora.

O próprio Ajzen (1991), autor da TCP, argumenta que a importância relativa de atitude, norma subjetiva e controle comportamental percebido na predição de intenção é esperada para variar entre comportamentos e situações. Assim, em algumas aplicações, pode ser encontrado que somente atitudes têm um impacto significativo sobre as intenções, em outros, que as atitudes e controle comportamental percebido são suficientes para explicar as intenções, e, em outros, ainda, que todas as três variáveis independentes fazem contribuições.

Especificamente sobre os estudantes, Zhang et al. (2015) argumentam que, por causa da pouca experiência empresarial, eles não compreendem as desvantagens e os benefícios de ser um empreendedor, e, como resultado, a variação da atitude pouco correlaciona com a variação da intenção. Além disso, esta realidade não se aplica à norma social e ao comportamento controlado pelo fato de poderem avaliar com precisão estas duas construções sem experiência empresarial.

### **2.2.1 – Atitude**

Atitude para abrir uma nova empresa refere-se ao grau que o indivíduo detém uma avaliação pessoal positiva ou negativa sobre ser um empreendedor. Ela inclui não só afetivo (eu gosto, é atraente), mas também

considerações de avaliação (ele tem vantagens). Em geral, quanto mais favorável a atitude em relação ao comportamento, mais forte deverá ser a intenção do indivíduo para o cumprir (AJZEN, 2001; AUTIO ET AL., 2001; KOLVEREID, 1996; ARMITAGE e CONNER, 2001; LINÁN ET AL., 2011; LEUNG ET AL., 2012; MARTINEZ ET AL., 2007; LUTHJE e FRANKE, 2003; TKACHEV e KOLVEREID, 1999; VECIANA ET AL., 2005).

Enquanto Krueger et al. (2000) afirmam que ela engloba as percepções de prováveis resultados pessoais intrínsecos e extrínsecos, Chen e Lai (2010) acrescentam que a atitude é um estado de preparação mental para qualquer assunto conhecido e uma consciência subjetiva que é afetada pelo comportamento e pode ser moldada ou mudada por meio da experiência ou estudos. Os autores exemplificam afirmando que, se o indivíduo tem uma forte inclinação para começar uma empresa, a relação entre atitude e comportamento deverá ser robusta e ele terá uma forte inclinação em direção ao empreendedorismo.

Estas atitudes em relação ao comportamento são influenciadas por crenças comportamentais e cada uma liga o comportamento a um determinado resultado que já está valorizado positiva ou negativamente. Desta forma, as pessoas formam, automaticamente, atitudes favoráveis em relação a comportamentos que se acredita ter consequências desejáveis e atitudes negativas em relação a comportamentos associados a consequências indesejáveis (AJZEN, 1991).

Em relação a uma avaliação favorável, Lumpkin e Dess (1996) mostram que indivíduos de espírito independente optaram por deixar suas posições seguras, a fim de

promoverem ideias inovadoras ou se aventurarem em novos mercados, em vez de permitir que superiores de organização e seus processos viessem a inibi-los. Nas escolas, Carey et al. (2010) observam que a atitude é percebida quando a motivação para estudar depende, em parte, do quanto é importante para os estudantes obter uma nota máxima.

Desta forma, apresentamos a primeira hipótese da pesquisa:

**H1: Atitude para o comportamento influencia a intenção empreendedora de estudantes.**

### **2.2.2 – Norma subjetiva**

Norma subjetiva refere-se à pressão social percebida de realizar ou não um comportamento e remete à percepção sobre o que as pessoas importantes em nossas vidas poderiam pensar acerca da decisão de se tornar um empreendedor (AJZEN, 1991; AJZEN, 2001; VECIANA ET AL., 2005; LINÁN ET AL., 2011; TKACHEV e KOLVEREID, 1999; KRUEGER ET AL., 2000; MEEK ET AL., 2010; ARMITAGE e CONNER, 2001; LINÁN e CHEN, 2006).

As normas sociais diferem entre empreendedores por meio de diferentes sistemas e valores e influenciam a motivação e a probabilidade de empreender (MEEK ET AL., 2010). A valorização social mais positiva, segundo Linán (2008), faz o indivíduo se sentir possuindo competências empresariais mais elevadas e aumenta a sua motivação. Para Marchand e Hermens (2015), estes conhecimentos proporcionam aos

estudantes uma maior flexibilidade na escolha de sua carreira.

Kristiansen e Indarti (2004) argumentam que estas normas percebidas na sociedade são presumivelmente de importância e relatam que potenciais empreendedores serão valorizados no contexto social. Acrescentam ainda que a escolha da carreira poderia ser influenciada pela expectativa da família e pelo auxílio de amigos e de outras pessoas significativas. Esta mesma influência, de acordo com Carey et al. (2010), terá impacto sobre os estudantes na obtenção do diploma e, segundo Basu e Virick (2008), eles são menos influenciados por normas sociais percebidas sobre empreendedorismo quando estão mais confiantes em sua capacidade baseada em experiências práticas.

Ajzen (1991) sustenta que 11 dos 19 estudos empíricos que testam a TCP descobriram que o coeficiente de regressão para as variáveis "normas sociais" foi negativo ou não significativo para explicar diretamente sobre intenções. Segundo o autor, isto pode ser devido a normas sociais exercendo sua influência diretamente na conveniência percebida e sobre a viabilidade percebida e, só então, indiretamente, sobre a intenção.

Os mesmos resultados obtiveram Linán e Chen (2009), Armitage e Conner (2001), Autio et al. (2001), Krueger et al (2000), Kristiansen e Indarti (2004) e Carey et. al (2010), onde se verificou o fraco papel da norma subjetiva. A inexistência de interações e efeitos indiretos dela em intenção e a necessidade de expansão do ambiente normativo poderiam explicar este resultado. Em contrapartida, Linán et al.

(2011) e Susanj et al. (2015) confirmaram que a viabilidade e conveniência percebida (atitude pessoal e norma subjetiva) foram os principais fatores que explicam a intenção empreendedora.

Assim, identificamos a segunda hipótese da pesquisa:

**H2: Norma subjetiva influencia a intenção empreendedora de estudantes.**

### **2.2.3 – Controle Comportamental Percebido**

Controle comportamental percebido desempenha um papel importante na TCP (AJZEN, 1991, MARTINEZ et al., 2007) e é a influência mais importante na intenção (DAVIDSSON, 1995). Ele é definido como a percepção da facilidade ou dificuldade de se tornar um empreendedor ou a sensação de ser capaz de realizar um comportamento para criação de uma empresa (AJZEN, 1991; AJZEN, 2001; ARMITAGE e CONNER, 2001; TKACHEV e KOLVEREID, 1999; LINÁN ET AL., 2011; KRUEGER ET AL., 2000).

Para Ajzen (1991), os antecedentes de controle comportamental percebido são as crenças que lidam com a presença ou ausência de recursos, com oportunidades necessárias e podem ser baseadas em parte na experiência do passado com o comportamento. No entanto, para o autor, elas costumam também ser influenciadas por informações de outras pessoas sobre o comportamento, pelas experiências de conhecidos e amigos, e por outros fatores que aumentam ou reduzem a dificuldade percebida de realizar o comportamento em questão.

Segundo Veciana et al. (2005), mesmo que a TCP sustente que os recursos e

oportunidades disponíveis para uma pessoa deve, em certa medida, ditar a probabilidade de realização comportamental, o maior interesse psicológico está na percepção de controle comportamental e seu impacto sobre as intenções e ações. Para Armitage e Conner (2001), esta percepção fornece informações sobre as potenciais pressões sobre a ação percebida pelo ator e é realizada para explicar por que as intenções nem sempre preveem o comportamento.

Linán (2008) mostra que há uma ligação óbvia entre controle comportamental percebido e competências e que os indivíduos que possuem um maior nível de certas competências empreendedoras irão mais provavelmente sentir que podem criar uma empresa. Já Turker e Selcuk (2009) apresentam outra ligação: entre a intenção empreendedora e alguns fatores de personalidade, como a autoconfiança, a capacidade de assumir riscos e a necessidade de realização. No entanto, os autores destacam que, se uma pessoa está rodeada por uma ampla gama de fatores culturais, sociais, econômicos, políticos, demográficos e tecnológicos, estes traços de personalidade não podem ser isolados a partir destes fatores socioeconômicos.

Assim, a terceira hipótese é apresentada:

**H3: Comportamento percebido influencia a intenção empreendedora de estudantes.**

## 2.3 – FATORES EXTRÍNSECOS

O empreendedorismo é um fenômeno socioeconômico de grande complexidade,

que define o sistema de economia de mercado. Como o ambiente de negócios se tornou mais complexo e competitivo, os empresários devem se tornar mais criativos e receptivos ao que é novo e inovador (PENDEUC E LIS, 2013).

Gnyawali e Fogel (1994) apresentam uma relação de fatores para o desenvolvimento de um ambiente empreendedor: atitude pública para o empreendedorismo, presença de empresários experientes, modelos bem sucedidos, existência de pessoas com características empreendedoras, reconhecimento do desempenho empreendedor exemplar, proporção de pequenas empresas na população de empresas e diversidade de atividades econômicas.

Enquanto Basu e Goswami (1999) relacionam outros elementos como o nível de escolaridade, experiência profissional anterior, incluindo o contexto familiar no negócio e anos no negócio, a dependência de financiamento bancário e fontes informais de financiamento para a abertura da nova empresa, Gaddam (2007) indica que as variáveis econômicas que influenciam o sucesso empreendedor são as políticas comerciais, os níveis de tributação, as patentes, a intervenção do governo, os regulamentos e as políticas monetárias e a renda per capita.

Em relação às variáveis políticas, Shane et al. (2003) correlacionam as restrições legais, a qualidade da aplicação da lei, a estabilidade política e estabilidade da moeda, as forças de mercado, como a estrutura da indústria, o regime tecnológico, as potenciais barreiras à entrada, o tamanho do mercado e os dados demográficos da população. Outras variáveis são relatadas por Kihlstrom e Laffont (1979): a capacidade

empreendedora, competências laborais, atitudes em relação ao risco e acesso inicial ao capital necessário para criar uma empresa.

Para Acs (2006), altos níveis de crescimento se associam a elevados níveis de empreendedorismo, pois os empreendedores criam novas empresas e negócios, que por sua vez criam novos postos de trabalho, intensificam a concorrência e podem até aumentar a produtividade por meio de mudanças tecnológicas. Mas o autor ressalta que a realidade é mais complicada, uma vez que, se pelo empreendedorismo é permitido a inclusão de qualquer tipo de autoemprego informal, em seguida, altos níveis de empreendedorismo podem realmente significar que existem barreiras burocráticas substanciais para criar formalmente um novo negócio, ou simplesmente que a economia está criando pouco salário convencional e oportunidade de emprego assalariado. Nestas circunstâncias, o autor supõe que altos níveis de empreendedorismo se correlacionam com o lento crescimento econômico e desenvolvimento atrasado.

A literatura sobre competências empreendedoras pessoais argumenta que indivíduos com certas características comportamentais são capazes de perceber e aproveitar as oportunidades disponíveis no ambiente e, em seguida, transformá-las em empresas rentáveis. No entanto, um perfil de personalidade ou de comportamento não é uma condição suficiente para que as pessoas entrem no negócio. É mais provável que um indivíduo com alta propensão para abrir uma empresa faça isso quando observar várias oportunidades no mercado (GNYAWALI E FOGEL, 1994; ASPROMOURGOS, 2014; DAVIDSSON, 2015).

O financiamento comunitário é uma destas oportunidades e, segundo Blackburn e Ram (2006), estimula a inclusão social e deve operar dentro de um quadro mais amplo nos níveis de educação e na melhoria da regeneração de infraestrutura. Sobre este assunto, Karnani (2006) cita o microfinanciamento como exemplo de ajuda para aumentar a renda, tendo como reflexo a criação de melhores oportunidades de emprego, além de outros efeitos benéficos como aumento da autoestima, a coesão social e a autonomia das mulheres. Com o mesmo entendimento, Khavul (2010) argumenta que a disponibilidade de microcrédito facilita o acesso ao capital e estimula o crescimento econômico por meio de iniciativas empreendedoras.

Porém, Basu e Goswami (1999) mostram que os termos e as condições dos empréstimos podem obrigar os novos empreendedores a usar o dinheiro gerado por seus negócios para pagar empréstimos bancários ao invés de reinvesti-lo para o crescimento. Em contraste, de acordo com os autores, aqueles que não contraíram empréstimos em bancos e que as fontes de financiamento dependiam dos recursos da família ou da comunidade não enfrentaram pressões semelhantes e, portanto, poderão concentrar-se no crescimento.

Segundo Decker et al. (2012), o interesse em carreiras empreendedoras foi negativamente associado à necessidade de apoio emocional e positivamente ligado à necessidade de estimulação positiva de outras pessoas. Portanto, as pessoas com interesses empresariais gostam de interagir com outras pessoas, mas eles não são emocionalmente dependentes delas.

Sobre esta interação, uma parte do trabalho inovador sobre a personalidade empreendedora indicou o importante papel que a família desempenha no desenvolvimento de certas características (DYER JR. E HANDLER, 1994; LINDQUIST ET AL., 2015). A respeito deste fator, os estudos de Nafziger (1977) e Basu e Virick (2008) mostram que a situação econômica do pai estava intimamente relacionada com o sucesso empresarial do filho, em parte através do acesso diferenciado aos recursos para o seu investimento em educação, treinamento, instalações e equipamentos.

Linán (2008) e Falck et al. (2012) complementam indicando que, quando a família e amigos valorizam o empreendedorismo de forma positiva, o indivíduo mostra um desejo maior de se tornar um empreendedor. No entanto, os resultados da pesquisa de Turker e Selcuk (2009) mostraram que estas variáveis não afetaram a intenção empreendedora dos respondentes.

Caso a família seja socioeconomicamente desfavorecida, as oportunidades de adquirir conhecimento sobre empreendedorismo, mesmo que informais como escutar conversas de negócios entre pais e parentes, são raramente disponíveis (KOURILSKY E ESFANDIARI, 1997). O quanto esta indisponibilidade é prejudicial ao processo empreendedor pode ser observado quando Meek et al. (2010) argumentam que a interdependência da família é suscetível de ter um efeito multiplicador sobre o nível de novas descobertas quando combinado com incentivos do Estado.

Em relação ao fator Estado, Edoho (2015) demonstra que, quando as políticas públicas estão em conflito entre as políticas para promover o empreendedorismo e o

desenvolvimento de micro, pequenas e médias empresas, ocorre o desalinhamento político, anulando a motivação do lucro do empreendedorismo, sufocando a inovação e a expansão do negócio, frustrando os objetivos de interesse público de criação de emprego e combate à pobreza.

O empreendedorismo oferece um meio através do qual as pessoas têm a oportunidade de quebrar o ciclo de pobreza (BRUTON ET AL., 2013) e, nos estudos de Garba et al. (2013), verificou-se que ela influenciou negativamente o empreendedorismo, enquanto que o desemprego influenciou de forma positiva. Blackburn e Ram (2006) lembram da necessidade de aceitar a exclusão social como parte inerente do sistema econômico e social dominante e que as pequenas empresas são um componente intrínseco deste sistema. Assim, a agenda da competitividade e da inclusão social está potencialmente em conflito, a primeira com o objetivo de estimular a competitividade entre as empresas e a segunda com o de manter a coesão social.

Uma vez que a crise faz parte deste complexo econômico e social, Urbano e Guerrero (2013) indicam que é nela que se evidencia a relevância do espírito empreendedor numa economia e na sociedade e o componente mais impactante será a integração e a colaboração dos agentes envolvidos no ecossistema empreendedor de cada região para reativar a economia e garantir a riqueza.

Foreman-Pack (1985), Nair e Pandey (2006) e Block e Sandner (2009) acrescentam que o indivíduo pertencente à classe mais rica terá maior chance de aceitar os riscos, iniciar um empreendimento e ter sucesso. Contudo Koellinger et al.

(2007) ressaltam que a alta renda é uma consequência e não um pré-requisito da atividade empreendedora bem sucedida.

Em relação ao fator idade, a evidência empírica mostra que indivíduos mais jovens são mais propensos a iniciar uma nova empresa do que os mais velhos e, como resultado, a distribuição da idade da população pode ser importante para a taxa de criação de novas firmas (LE'VESQUEA E MINNITI, 2006). Para Marchand e Hermemns (2015), por não estarem tão emocionalmente ligados ao seu empreendimento como os empresários experientes, jovens estudantes são mais flexíveis e conscientes de que eles não têm que dominar todas as habilidades para criar e executar um empreendimento refletindo na possibilidade de uma rápida mudança no seu modelo de negócio.

Wyrwich (2013) observou que as pessoas mais velhas têm baixo envolvimento na atividade empresarial, contudo Nair e Pandey (2006) mostraram que a maturidade favoreceu o sucesso em empreendimentos, enquanto Llisteri et al. (2006) perceberam que as restrições à abertura de novas empresas são mais limitantes para jovens do que para os adultos.

Nos estudos de Davidsson (1991), a idade teve forte influência sobre a intenção empreendedora enquanto que nos de Kristiansen e Indarti (2004) e Kolvereid (1996), ela, juntamente com a experiência profissional, o histórico familiar e o gênero, não tiveram efeito significativo. Martinez et al. (2007) também confirmaram a não significância da experiência profissional e do histórico familiar, juntamente com a

preocupação com financiamento. Este mesmo resultado foi obtido por Bae et al. (2014) em relação ao histórico familiar e gênero e por Krueger Jr. e Brazeal (1994) somente em relação ao fator gênero.

Sobre este último, Martinez et al. (2007) e Ismail et al. (2009) não encontraram diferenças entre homens e mulheres, enquanto Ndirangu e Bosire (2004), Minniti e Nardone (2007), Kimhi (2010) e Thébaud (2010) demonstraram que as mulheres são muito menos suscetíveis de ser envolvidas em torno do mundo empresarial do que os homens. Turker e Selcuk (2009) e Tlaiss (2014) ressaltam, porém, que o empreendedorismo tem sido cada vez mais popular entre as mulheres e, mesmo com esta percepção negativa, elas continuam buscando o autoemprego, navegando através das barreiras sociais.

As iniciativas empreendedoras, segundo Chen e Lai (2010), são influenciadas por fatores que são divididos em duas classes: a primeira, já demonstrada acima, envolve fatores externos tais como família, amigos e o ambiente externo, enquanto a segunda abrange fatores pessoais do empreendedor, incluindo características e condições de personalidade.

Desse modo, a quarta e última hipótese expressada é:

**H4: Fatores socioeconômicos influenciam a intenção empreendedora de estudantes.**

## 2.4 FATORES INTRÍNSECOS

Selecionar uma base apropriada para definir e entender uma pessoa empreendedora criou um problema desafiador para pesquisadores acadêmicos e escritores (CUNNINGHAM E LISCHERON, 1991). Segundo Collins et al. (2004), é importante compreender as características motivacionais que estimulam as pessoas a tornarem-se empresários e por que alguns são mais bem sucedidos do que outros. Um bom indicador da probabilidade de êxito nas iniciativas empreendedoras, segundo Moreno et al. (2010), é o capital humano do empreendedor.

Através dos anos, mais e mais das características psicológicas dos empreendedores foram descartadas, desmascaradas, ou pelo menos, se verificou terem sido medidas de forma ineficaz. O resultado tem sido uma tendência a concentrar-se em quase tudo, exceto no indivíduo. Circunstâncias econômicas são importantes, assim como redes sociais, equipes empreendedoras, marketing, financiamento e, até mesmo, assistência de órgão público. Mas, nenhum destes vai, por si só, criar um novo empreendimento, porque precisa-se de uma pessoa em cuja mente todas as possibilidades se reúnem, que acredita que a inovação é possível e que tenha a motivação para persistir até que o trabalho esteja feito (GNYAWALI E FOGEL, 1994).

Dentro desta realidade, Mitchell et al. (2002) mostram que, quando alguém está interessado em fenômenos relacionados com o empreendedorismo, agora parece ser essencial para os investigadores a credibilidade representada pelo papel do empreendedor individual; e a visão cognitiva fornece algumas das fontes de pesquisas

necessárias para fazê-lo.

Os fatores cognitivos podem afetar o sucesso dos empreendedores (BARON, 2004, SEGAL ET AL., 2005; MITCHELL ET AL., 2002). Sobre eles, Baron (2004) explica que os empreendedores podem ser mais hábeis do que outras pessoas no uso de pensamento contrafactual (imaginando o que poderia ter sido) para desenvolver estratégias de aperfeiçoamento das tarefas realizadas e podem ser melhores em saber quando alternar entre o processamento da informação rapidamente e sem esforço (processamento heurística) para um mais esforçado e pensado analiticamente (tratamento sistemático).

Linán e Chen (2006) lembram que o processo cognitivo de percepção de intenção não é afetado por aspectos culturais e sociais e as normas sociais seriam o primeiro passo no processo mental, agindo como um primeiro filtro a estímulos externos e, assim, influenciar a percepção de atração pessoal e a autoeficácia. Segundo Susanj et al. (2015), esta autoeficácia foi encontrada para ser o indicador mais significativo de intenções empresariais e comportamento empreendedor de alguém, assim como preditor significativo de sucesso de empreendimentos futuros. Conforme Zal (2009), esta intencionalidade é fundamentada na psicologia cognitiva que tenta explicar ou prever o comportamento humano e percebe-se que a intenção comportamental resulta de atitudes e torna-se um determinante imediato de comportamento.

De acordo com Segal et al. (2005), as pessoas são capazes de pensar em possíveis resultados futuros, decidir quais deles são mais desejáveis e se é viável

buscar alcançar esses resultados. Não é razoável esperar que as pessoas persigam resultados que elas percebam serem indesejáveis ou inviáveis. Esta decisão do indivíduo, segundo Shane et. al. (2003), envolve a comparação entre a conveniência do autoemprego com a conveniência de trabalhar para os outros, a avaliação dos conhecimentos necessários, as competências e habilidades para executar tarefas e as atividades necessárias para se tornar um empreendedor e determinar se está disposto a aceitar os riscos inerentes da atividade empresarial.

Sobre estes riscos, Martin e Osberg (2007), Chen e Lai (2010) e Ling e Venesaar (2015) mostram que o empreendedor é atraído para um equilíbrio abaixo do ideal, vendo embutido nele uma oportunidade de proporcionar uma nova solução, produto, serviço ou processo. Para estes autores, a razão que o empreendedor vê essa condição como uma oportunidade de criar algo novo, enquanto tantos outros a veem como um inconveniente para ser tolerado, decorre do conjunto único de características pessoais que são fundamentais para o processo de inovação: inspiração, criatividade, direta ação e coragem.

Linan (2008) complementa sobre a necessidade do desenvolvimento de habilidades para que o empreendedorismo seja bem sucedido e inclui nesta relação o reconhecimento de oportunidade, liderança e trabalho em rede. A respeito destas características, Lazear (2005) observa que, embora não necessariamente excelente em qualquer coisa, os empreendedores têm de ser suficientemente qualificados em uma variedade de áreas para unir muitos ingredientes necessários para criar um negócio bem sucedido, resultando em indivíduos mais equilibrados.

Ademais, a propensão a empreender será reforçada quando um indivíduo se sentir confiante em sua capacidade de empreendimento e no seu conhecimento empresarial, independentemente do seu grau de exposição à educação para o empreendedorismo. (GNYAWALI E FOGEL, 1994; CHEUNGI E CHAN, 2011; JANSEN ET AL., 2015).

Koellinger et al. (2007) argumentam que, em geral, as percepções individuais são influenciadas por vários fatores, incluindo condições do quadro econômico, história, cultura e fenômenos psicológicos, como heurística e vieses. Assim, a percepção da capacidade individual e do risco pode ser diferente das habilidades e dos riscos reais. No entanto, os autores mostram que essas percepções possivelmente tendenciosas estão fortemente associadas com atividades de abertura de novas empresas e tem consequências econômicas reais e que, ironicamente, o excesso de confiança do indivíduo pode até mesmo levar a melhores resultados econômicos para a sociedade do que aquela decisão tomada de forma imparcial.

## 2.5 EMPREENDEDORISMO POR NECESSIDADE E POR OPORTUNIDADE

Para uma dada taxa de empreendedorismo, a análise da importância relativa das dimensões “necessidade” e “oportunidade” pode ser vista como um indicador que se

aproxima do nível de desenvolvimento econômico de um país ou de uma região (FUENTELESAZ et al., 2015). Porém, Rosa et al. (2006) mostra que a prevalência de outras formas de motivação faz com que a análise destas dimensões no empreendedorismo seja complexa e difícil.

Block e Wagner (2010) definem um empreendedor por necessidade como uma pessoa que tenha tido uma atividade remunerada antes, mas foi demitida por seu empregador ou o seu local de trabalho foi fechado, e um empreendedor por oportunidade como alguém que tenha deixado o trabalho remunerado de forma voluntária. Para Anca et al. (2009), empreendedores por necessidade se envolvem em empreendedorismo para evitar o desemprego, enquanto os empreendedores de oportunidade perseguem uma oportunidade para o lucro reconhecido. Segundo os autores, à medida que a população se envolve em empreendedorismo por oportunidade ocorre um aumento dos níveis de desenvolvimento econômico.

Os empreendedores por oportunidade costumam ter altos níveis de criatividade e habilidade pessoal e, como resultado, tendem a ser localizados na extremidade superior da distribuição de rendimentos, tanto antes como depois de entrar em um emprego independente. Como resultado, espera-se que os indivíduos de alta capacidade sejam mais propensos a entrar neste tipo de trabalho quando as taxas de desemprego locais são baixas. Os empreendedores por necessidade, por outro lado, não veem nenhuma alternativa melhor de ganhar dinheiro do que se tornar trabalhadores por conta própria. Essas pessoas geralmente não são criativas e muitas vezes são empregados de baixa capacidade. Conseqüentemente, espera-se que altas

taxas de desemprego locais estimulem a entrada num emprego independente entre os indivíduos com baixa capacidade (DELI, 2011).

Foreman-Pack (1985) e Baptista et al. (2014) ressaltam que, mesmo sendo um poderoso motor de criação de novos empreendimentos, se o desemprego é o principal incentivo para a criação de um negócio pode não haver tempo para procurar boas oportunidades, fazer planos detalhados, obter financiamento adequado e procurar aconselhamento. Assim, as chances de sobrevivência podem ser afetadas pela seleção ocorrida antes da abertura da nova empresa.

Sobre os empreendedores por oportunidade, Block e Sandner (2009) mostram que iniciam voluntariamente seu novo empreendimento e possuem mais conhecimento com uma qualidade superior em relação aos de por necessidade. Eles são suscetíveis de terem se preparado de uma forma mais sistemática para a sua entrada num emprego independente e terem investido mais em capital humano específico e necessário para ter sucesso como um empreendedor. Ainda, sua vantagem relativa no investimento em capital humano é um argumento para um maior tempo de sobrevivência no mercado.

No cenário do empreendedorismo por necessidade, Acs (2006) indica que este tipo não tem efeito sobre o desenvolvimento econômico, ao passo que Rosa et al. (2006) afirmam que dois fenômenos poderão surgir. O primeiro pode conduzir as pessoas à pluriatividade de sobrevivência, em que bolsas efêmeras da demanda são exploradas à medida que surgem. Quando a demanda cessa, eles vão passar para

alguma outra atividade até que isso também deixe de ser viável. O segundo fenômeno é aquele em que, uma vez que uma empresa é escolhida, não há escolha a não ser permanecer nela e o empresário só faz dinheiro suficiente para viver, mas não o suficiente para investir na abertura de uma nova empresa.

Acs e László (2009) complementam argumentando que o empreendedorismo é maior entre os países mais ricos, o que significa dizer que quanto maior a renda per capita de um país, maior será a motivação pelo reconhecimento de uma oportunidade econômica em vez de uma necessidade. Em oposição, os resultados dos trabalhos de Iakovleva et al. (2011) indicaram que os entrevistados dos países em desenvolvimento têm intenções empresariais mais fortes do que os de países desenvolvidos.

## 2.6 JUVENTUDE EMPREENDEDORA

O tema empreendedorismo para estudante é um fenômeno emergente e o impacto sobre a economia global daqueles bem sucedidos que começaram seus negócios na universidade, ou logo após, é bem conhecido (MARCHAND E HERMENS, 2015). Sobre estes estudantes, Carey et al. (2010) apresentam em seus estudos três diferentes tipos de empreendimentos: estilo de vida pequeno, empreendimento pequeno mas com alta renda e aqueles com alto crescimento.

Apesar desta importância, Listeri et al. (2006) observaram o baixo envolvimento

dos jovens com o empreendedorismo ao evidenciar que apenas uma minoria aceita realizar atividades empresariais como um meio de tornar-se autônomo, empregador ou donos de empresa. Este resultado, segundo os autores, é esperado dado que muitos jovens ainda estão na escola, empregados em seu primeiro emprego (onde eles estão ganhando experiência no mercado de trabalho), economizando para iniciar um negócio ou apenas explorando a vida.

Atef e Al-Balushi (2015) também constataram que poucos estudantes se comprometem com empreendedorismo e que reduzindo as barreiras e aumentando o apoio para os alunos buscarem um trabalho independente em relação de emprego público ou ao setor privado tradicional aumentaria as oportunidades para participarem com êxito no mercado de trabalho regional, nacional e internacional e, conseqüentemente, aliviar a pressão individual e nacional de desemprego.

Este desemprego representa, segundo Zamfir et al. (2013), uma perda importante de capital humano que poderia contribuir para o crescimento econômico e, portanto, aumentar o emprego entre jovens seria benéfico para toda a sociedade no longo prazo. Segundo Llisteri et al. (2006), este aumento não é observado na América Latina, onde, apesar de seu sucesso na criação de empreendimentos dinâmicos, os jovens empreendedores enfrentam condições menos favoráveis para iniciarem suas empresas e fazê-las crescer do que seus pares em outras regiões.

Para reverter este quadro, Walter et al. (2013) indica que, quanto mais as escolas exporem as características favoráveis ao empreendedorismo, mais elas irão

influenciar seus alunos em direção às intenções de se tornar um empreendedor. Porém, Marchand e Hermemns (2015) ressaltam que, normalmente, os estudos sobre as intenções não se concentram em estudantes que já executam um negócio, mas em amostras maiores daqueles que frequentam aulas de empreendedorismo (ou não em alguns casos).

## Capítulo 3

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este estudo é classificado como empírico e o método de pesquisa adotado foi o quantitativo. O propósito da pesquisa é descritivo: foi realizado um corte transversal e foram identificados os fatores intrínsecos e extrínsecos na intenção empreendedora de estudantes.

Para isso, foi realizada uma regressão linear múltipla, na qual a intenção empreendedora foi utilizada como variável dependente e como independentes as três variáveis da TCP: atitude, norma subjetiva e comportamento percebido, juntamente com a variável fatores socioeconômicos.

A pesquisa foi realizada com jovens matriculados regularmente no Instituto Federal do Espírito Santo – IFES-, todos maiores que 18 anos, independente do gênero, curso, período ou modalidade que estão cursando. A escolha do local foi feita por conveniência, uma vez que o autor desta pesquisa é servidor do quadro permanente da instituição e a opção por estudantes se deve ao fato de serem o público-alvo do Instituto.

Neste estudo, a heterogeneidade se faz importante para que a pesquisa não fique restrita a um grupo específico de alunos, ou seja, abranja uma maior diversidade de situações em que um estudante pode se encontrar. Assim, vários cursos de diversos campi foram contemplados, além da indicação da modalidade (ensino técnico ou graduação). À medida que novas pesquisas forem realizadas, esta generalização

poderá dar lugar a uma homogeneidade, visando futuras comparações entre campi, passando primeiramente por um aumento do número de amostras até atingir a representatividade ideal.

O questionário (Apêndice 1) utilizado para se chegar ao objetivo desta pesquisa foi o mesmo utilizado por Linán e Chen (2009), fielmente traduzido, sem ajustes, e baseia-se numa integração da psicologia e da literatura sobre empreendedorismo. Das 26 questões nele formuladas, 19 se relacionam com a TCP e as restantes foram inseridas para comporem os dados estatísticos dos estudantes: idade, gênero, curso, período, modalidade, renda familiar e fatores socioeconômicos sendo que curso e período não foram inseridas nas regressões.

Os fatores intrínsecos foram analisados por meio de variáveis presentes na TCP: atitude e comportamento percebido, indicadas no questionário nas questões 1 (afirmações 1a a 1f) e 3 (afirmações 3a a 3f), respectivamente. Os fatores extrínsecos também foram analisados utilizando-se duas variáveis: norma subjetiva, oriunda da TCP, indicada no questionário na questão 2 (afirmações 2a a 2c), e fatores socioeconômicos, obtidos por meio de respostas dos alunos para a questão 10 do questionário, onde o aluno (a) respondia se participava ou não dos auxílios alimentação, transporte e moradia da Política de Assistência Estudantil – PAE (IFES, 2011).

Esta política faz parte do Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES- (BRASIL, 2004), que tem como finalidade ampliar as condições de permanência dos

jovens na educação superior pública federal e mostrar a vulnerabilidade social sendo decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e/ou fragilização de vínculos afetivos e relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras). A presença destes vários elementos extrínsecos numa única variável resulta numa singularidade desta pesquisa.

Assim, resumidamente, as variáveis que indicarão a influência de fatores extrínsecos e intrínsecos na intenção empreendedora de estudantes serão:

**TABELA 1 – IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS RELATIVAS AOS FATORES EXTRÍNSECOS NO QUESTIONÁRIO**

Variável	Questão	Afirmação
Atitude	1	1a a 1f
Comportamento Percebido	3	3a a 3f

Fonte: Dados da pesquisa

**TABELA 2 – IDENTIFICAÇÃO DAS VARIÁVEIS RELATIVAS AOS FATORES INTRÍNSECOS NO QUESTIONÁRIO**

Variável	Questão	Afirmação
Norma Subjetiva	2	2a a 2c
Fatores socioeconômicos	10	---

Fonte: Dados da pesquisa

**TABELA 3 – IDENTIFICAÇÃO DA VARIÁVEL INTENÇÃO EMPREENDEDORA NO QUESTIONÁRIO**

Variável	Questão	Afirmação
Intenção Empreendedora	4	4a a 4c

Fonte: Dados da pesquisa

A escala de Likert foi utilizada neste questionário quando o aluno optava entre 1 (discordância total) e 7 (concordância total) para as afirmações 1 (referente a atitude), 3 (comportamento percebido) e 4 (intenção empreendedora). Em relação à afirmação 2 (norma subjetiva), o aluno também assinalava entre 1 e 7, mas com diferente orientação: desaprovação total (1) e aprovação total (7).

Para cada questionário, por determinação do Conselho de Ética em Pesquisa do IFES, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice II), onde se explicitou todos os riscos envolvidos, a garantia da manutenção do sigilo e da privacidade, dentre outros esclarecimentos.

Após a tradução e impressão das cópias do questionário, o pesquisador visitou 18 campi do IFES e solicitou servidores que realizassem a sua aplicação. Depois, estes mesmos servidores devolveram os questionários ao pesquisador. Não houve aplicação via internet.

Após a devolução, cada resposta do questionário foi lançada manualmente numa planilha do programa Excel para que, numa etapa posterior, fosse realizada uma regressão linear por meio do programa Stata a fim de identificar a significância (5%) das

variáveis da TCP (atitude, norma e comportamento percebido) e da variável fatores socioeconômicos na variável dependente intenção empreendedora (objetivo desta pesquisa), bem como das demais variáveis de controle. Ainda, o Probit foi utilizado no Stata para identificar a influência das variáveis da TCP na variável (binária) fatores socioeconômicos, conforme modelo 8.

Alguns fatores foram responsáveis pelo não preenchimento do questionário por parte dos estudantes: proximidade do término do período letivo em certos campi, alguns alunos já em férias, falta de interesse ou simplesmente não concordância em participar da pesquisa. Do total de questionários respondidos, alguns não foram utilizados pela presença de rasuras, por estarem respondidos apenas na primeira folha, por marcação de duas respostas para a mesma afirmação ou, ainda, por terem questionários respondidos por menores de 18 anos, mesmos cientes que não poderiam respondê-lo. O restante foi utilizado nas regressões, perfazendo um total de 1.267 respondentes, distribuídos em cada campi conforme quadro abaixo:

CAMPUS	CURSO	MODALIDADE	QUANT.
Alegre	Cafeicultura	Graduação	74
	Ciências Biológicas	Graduação	
	Engenharia de Agricultura	Graduação	
Aracruz	Mecânica	Ensino Técnico	85
	Mecânica	Graduação	
Cachoeiro do Itapemirim	Química	Graduação	36
	Informática	Ensino Técnico	
	Mecânica	Graduação	
	Sistemas de Informação	Graduação	
	Ferrovias	Ensino Técnico	
	Portos	Ensino Técnico	

Cariacica	Logística	Ensino Técnico	81
	Física	Ensino Técnico	
	Administração	Ensino Técnico	
	Engenharia da Produção	Graduação	
Colatina	Edificações	Ensino Técnico	56
	Administração	Graduação	
	Arquitetura e Urbanismo	Graduação	
	Sistemas de Informação	Graduação	
Ibatiba	Meio Ambiente	Ensino Técnico	29
	Florestas	Ensino Técnico	
Itapina	Agropecuária	Ensino Técnico	51
	Agronomia	Graduação	
Linhares	Ciências Agrícolas	Graduação	57
	Administração	Ensino Técnico	
	Edificações	Ensino Técnico	
Nova Venécia	Mineração	Ensino Técnico	76
	Meio Ambiente	Ensino Técnico	
	Geografia	Graduação	
Piúma	Engenharia de Pesca	Graduação	56
Santa Teresa	Assistente em Administração	Ensino Técnico	89
	Agronomia	Graduação	
	Análise e Desenvol. de Sistemas	Graduação	
	Ciências Biológicas	Graduação	
	Automação Industrial	Ensino Técnico	
Serra	Informática	Ensino Técnico	482
	Administração	Ensino Técnico	
	Automação Industrial	Graduação	
	Informática	Graduação	
Venda Nova do Imigrante	Administração	Ensino Técnico	23
Vitória	Mecânica	Ensino Técnico	73
<b>TOTAL DE RESPONDENTES</b>			<b>1.267</b>

QUADRO 1: Campi participantes, curso, modalidade e quantidade de respondentes.

Fonte: Dados da pesquisa

Assim, resumidamente, as variáveis foram abaixo relacionadas para que sejam verificadas as medidas utilizadas na formação de cada fator presente no modelo proposto:

<b>Variáveis</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Medidas</b>
Intenção empreendedora	IE	Escala de likert: de 1 (discordância total) a 7 (concordância total)
Atitude	A	Escala de likert: de 1 (discordância total) a 7 (concordância total)
Norma subjetiva	N	Escala de likert: de 1 (desaprovação total) a 7 (aprovação total)
Comportamento Percebido	CP	Escala de likert: de 1 (discordância total) a 7 (concordância total)
Idade	I	Escala contínua
Gênero	G	Binário: 0 (masculino) ou 1 (feminino)
Modalidade	M	Binário: 0 (ensino técnico) ou 1 (graduação)
Renda Familiar	R	Binário: 0 (para renda familiar inferior a R\$ 2.000,00) ou 1 (renda familiar superior a R\$ 2.000,00)
Fatores socioeconômicos	FS	Binário: 0 (alunos assistidos pela PAE) ou 1 (alunos não assistidos pela PAE)

Quadro 2: Identificação de variáveis  
Fonte: Elaborado pelo autor.

Diante do exposto, apresentamos o modelo proposto e as suas variáveis:

$$IE = \beta_0 + \beta_1 A + \beta_2 N + \beta_3 CP + \beta_4 I + \beta_5 G + \beta_6 M + \beta_7 R + \beta_8 FS + \epsilon_i$$

Onde:

**IE** = Intenção empreendedora

**$\beta_0$**  = Constante

**$\beta_1$  A** = Atitude

**$\beta_2$  N** = Norma subjetiva

**$\beta_3$  CP** = Comportamento percebido

**$\beta_4$  I** = Idade

**$\beta_5$  G** = Gênero (masculino/feminino) (**dummy**)

**$\beta_6$  M** = Modalidade (Ensino Técnico / Graduação) (**dummy**)

**$\beta_7$  R** = Renda Familiar (< R\$2.000,00 / > R\$ 2.000,00) (**dummy**)

**$\beta_8$  FS** = Fatores socioeconômicos (sim/não) (**dummy**)

## Capítulo 4

### 4 ANÁLISE DE DADOS

A amostra é formada principalmente por homens (61,80%), com média de idade de 22,46 anos e o intervalo de 21 a 30 anos é o que possui a maior quantidade de respondentes (47,35%), seguido de perto pela faixa de 18 a 20 anos (45,54%). Somando-se os dois intervalos, percebe-se que 92,89% estão no intervalo de 18 a 30 anos. Vale lembrar que apenas maiores de idade responderam a pesquisa.

No que se refere à renda familiar, a maior quantidade de respondentes encontram-se na faixa entre R\$ 1.000,00 e R\$ 2.000,00 (36,38%) e, quanto à sua participação na Política de Assistência Estudantil (IFES, 2011), 57,69% dos estudantes não recebem auxílios (alimentação, transporte e moradia) da referida política. Importante lembrar que esta variável foi responsável pela identificação dos alunos em vulnerabilidade social, uma das peças chaves desta pesquisa.

#### 4.1 REGRESSÃO

A TCP é um instrumento adequado para modelar o desenvolvimento da intenção empreendedora (KOLVEREID, 1996; PAÇO ET AL., 2011; YANG, 2011). Por isso, no primeiro modelo, serão utilizadas as três variáveis da citada teoria para verificar sua influência na intenção empreendedora dos estudantes juntamente com a variável fatores socioeconômicos. A variável intenção empreendedora será medida por meio da questão 4 do questionário (afirmações 4.a, 4.b, 4.c, 4.d, 4.e, 4.f), a variável atitude por meio da questão 1 (afirmações 1.a, 1.b, 1.c, 1.d, 1.e), a variável norma subjetiva por

meio da questão 2 (afirmações 2.a, 2.b, 2.c), a variável comportamento percebido por meio da questão 3 (afirmações 3.a, 3.b, 3.c, 3.d, 3.e, 3.f), as variáveis de controle idade, gênero, modalidade, curso e renda familiar por meio das respostas dos alunos e a devida inserção na planilha e a variável fatores socioeconômicos por meio das respostas dos alunos se participam ou não de auxílios oriundos da Política de Assistência Estudantil.

Surge, então, o primeiro e principal modelo da pesquisa:

**MODELO 1:**

$$IE = \beta_0 + \beta_1 A + \beta_2 N + \beta_3 CP + \beta_4 I + \beta_5 G + \beta_6 M + \beta_7 R + \beta_8 FS + \epsilon_i$$

Onde:

**IE** = Intenção empreendedora

**$\beta_0$**  = constante

**$\beta_1 A$**  = Atitude

**$\beta_2 N$**  = Norma subjetiva

**$\beta_3 CP$**  = Comportamento percebido

**$\beta_4 I$**  = Idade

**$\beta_5 G$**  = Gênero

**$\beta_6 M$**  = Modalidade

**β7 R** = Renda Familiar

**β8 FS** = Fatores socioeconômicos

VARIÁVEL DEPENDENTE: INTENÇÃO EMPREENDEDORA				
VARIÁVEL INDEP.	Coeficiente	Erro Padrão	Estatística t	p-valor
Atitude	.924	.030	29.92	0.000*
Norma Subjetiva	.039	.055	0.71	0.477
Comp. Percebido	.320	.025	12.36	0.000*
Fatores Socioecon.	.613	.374	1.64	0.101
Idade	.069	.041	1.69	0.091
Gênero	-.452	.381	-1.19	0.236
Modalidade	.190	.374	0.51	0.610
Renda Familiar	.852	.459	1.86	0.064
_cons	-8.939	1.25	-7.10	0.000*
* sigf. a 5%				

QUADRO 3: Influência das variáveis atitude, norma subjetiva, comportamento percebido e fatores socioeconômicos sobre a intenção empreendedora.

Fonte: Dados da pesquisa

O objetivo principal desta pesquisa foi identificar a influência de fatores extrínsecos e intrínsecos na intenção empreendedora de estudantes e o resultado deste estudo mostrou a confirmação de **H1** e **H3**, onde atitude ( $p=0.000$ ) e comportamento percebido ( $p=0.000$ ) foram significantes a 5%.

Outro resultado encontrado foi a rejeição de **H2** e **H4**, indicando que norma subjetiva ( $p=0.477$ ) e fatores socioeconômicos ( $p=0.101$ ) não foram significativos. Cabe ressaltar que esta insignificância, segundo Ajzen (1991), pode estar atrelada a normas sociais, exercendo sua influência diretamente na conveniência percebida e sobre a

viabilidade percebida e só, então, indiretamente, sobre a intenção.

Estes resultados veem ao encontro aos obtidos por Ajzen (1991), Linán e Chen (2009), Linan et al. (2011), Armitage e Conner (2001), Autio et al. (2001), Krueger et al (2000), Kristiansen e Indarti (2004), Carey et. al (2010) e Robledo et al. (2015). Diferiram os estudos de Rantanen e Toikko (2014) e Zhang et al. (2015), no qual norma subjetiva e comportamento percebido destacaram-se como mais relevantes e os de Kolvereid (1996), Tkachev e Kolvereid (1999) e Yang (2013) onde ambos os fatores (intrínsecos e extrínsecos) influenciaram a intenção empreendedora.

Em relação às variáveis de controle, nenhuma obteve significância a 5%. As variáveis idade ( $p=0.091$ ) e renda familiar ( $p=0,064$ ) destacaram-se a 10%. Estas variáveis foram significantes nos estudos de Minniti e Nardone (2007) juntamente com escolaridade e gênero. Kristiansen e Indarti (2004) também encontraram significância para idade, junto com gênero e a experiência profissional anterior e Garba et al. (2013) para a pobreza (renda).

Em relação ao gênero, Martinez et al. (2007) também encontrou insignificância e a justificativa encontrada pode ser aproveitada para este estudo: dados limitados estabelecidos para o estudo. Nas duas pesquisas, houve uma alta participação do gênero masculino, podendo existir viés e afetar os resultados da comparação. Os referidos autores sugerem a realização de mais estudos com uma distribuição mais uniforme a fim de se obter resultados mais contundentes.

Outros estudos obtiveram resultados diferentes desta pesquisa mostrando

variáveis de controle influenciando positivamente na intenção empreendedora. Nair e Pandey (2006) observaram a educação e a formação técnica, e Linán (2008) a família e amigos.

Dada a existência de vários estudos acerca da influência das variáveis da TCP na intenção empreendedora, o foco dos modelos seguintes será na variável fatores socioeconômicos e na sua relação com a variável dependente intenção empreendedora e como ela se correlaciona com as demais variáveis independentes.

Assim, no próximo modelo, retiramos as três variáveis da TCP a fim de identificar o impacto da variável fatores socioeconômicos sobre a intenção empreendedora.

### **MODELO 2:**

$$IE = \beta_0 + \beta_1 I + \beta_2 G + \beta_3 M + \beta_4 R + \beta_5 FS + \varepsilon_i$$

Onde:

**IE** = Intenção empreendedora

**$\beta_0$**  = constante

**$\beta_1 I$**  = Idade

**$\beta_2 G$**  = Gênero

**$\beta_3 M$**  = Modalidade

**$\beta_4 R$**  = Renda familiar

**β5 FS = Fatores socioeconômicos**

VARIÁVEL DEPENDENTE: INTENÇÃO EMPREENDEDORA				
VARIÁVEL INDEP.	Coeficiente	Erro Padrão	Estatística t	p-valor
Atitude				Retirada
Norma Subjetiva				Retirada
Comp. Percebido				Retirada
Fatores Socioecon.	-.216	.588	-0.37	0.713
Idade	.217	.064	3.39	0.001*
Gênero	-2.001	.598	-3.34	0.001*
Modalidade	1.043	.588	1.77	0.077
Renda familiar	2.053	.722	2.84	0.005*
_cons	17.993	1.382	13.02	0.000*
* sigf. a 5%				

QUADRO 4: Retiradas as variáveis da TCP (atitude, norma subjetiva e comportamento percebido)

Fonte: Dados da pesquisa

A variável “fatores socioeconômicos”, como explicado na metodologia, engloba vários elementos: idade, gênero, renda, e o resultado da regressão mantém a insignificância sobre a intenção empreendedora ( $p=0,713$ ). Entre as variáveis de controle, somente modalidade não obteve significância ( $p=0,077$ ).

Lembramos que, mesmo presentes na variável fatores socioeconômicos, idade, gênero, modalidade e renda familiar se apresentam nesta pesquisa como variáveis de controle e mostraram, individualmente, resultados distintos: significância para idade ( $p=0,001$ ), gênero ( $p=0,001$ ) e renda ( $p=0,005$ ) e insignificância para modalidade ( $p=0,077$ ). Os resultados obtidos nos estudos de Kristiansen e Indarti (2004) diferiram quanto a idade, nos de Martinez et al. (2007) em relação ao gênero e nos de Minniti e Nardone (2007), somente renda obteve significância.

As variáveis de controle que se destacaram (idade, gênero e renda familiar) indicam que a intenção empreendedora será maior quando a idade e a renda aumenta e o fato do estudante ser do sexo masculino.

O terceiro modelo repete o segundo, retirando-se apenas a variável renda da regressão por ser uma das principais causas do aluno ser contemplado com os auxílios da PAE:

**MODELO 3:**

$$IE = \beta_0 + \beta_1 I + \beta_2 G + \beta_3 M + \beta_4 FS + \varepsilon_i$$

Onde:

**IE** = Intenção empreendedora

**$\beta_0$**  = constante

**$\beta_1 I$**  = Idade

**$\beta_2 G$**  = Gênero

**$\beta_3 M$**  = Modalidade

**$\beta_4 FS$**  = Fatores socioeconômicos

VARIÁVEL DEPENDENTE: INTENÇÃO EMPREENDEDORA				
VARIÁVEL INDEP.	Coeficiente	Erro Padrão	Estatística t	p-valor
Atitude				Retirada
Norma Subjetiva				Retirada
Comport. Planejado				Retirada
Fatores Socioecon.	-.360	.588	-0.61	0.540
Idade	.323	.525	6.16	0.000*
Gênero	-2.059	.600	-3.43	0.000*
Modalidade	1.344	.580	2.31	0.021*
Renda familiar				Retirada
_cons	16.599	1.296	12.81	0.000*

\* sigf. a 5%

QUADRO 5: Retiradas as variáveis da TCP (atitude, norma subjetiva e comportamento percebido) e a variável renda familiar.

Fonte: Dados da pesquisa

Realizada a regressão, observamos apenas a inclusão da variável modalidade como significante não havendo nenhuma outra alteração substancial nos resultados, ou seja, a manutenção da insignificância da variável fatores socioeconômicos. Os modelos 2 e 3 mostram a insignificância da variável fatores socioeconômicos mesmo quando retiradas as variáveis da TCP.

Uma vez que na Teoria do Comportamento Planejado (TCP) a norma subjetiva engloba os fatores externos que possam influenciar a intenção empreendedora, no próximo modelo voltará a ser destaque esta variável, mantendo excluídas as variáveis atitude e comportamento. Desta forma, tem-se neste modelo apenas fatores extrínsecos influenciando ou não a intenção empreendedora.

Assim, o modelo 4 se apresenta da seguinte forma:

**MODELO 4:**

$$IE = \beta_0 + \beta_1 N + \beta_2 I + \beta_3 G + \beta_4 M + \beta_5 R + \beta_6 FS + \varepsilon_i$$

Onde:

**IE** = Intenção empreendedora

**$\beta_0$**  = constante

**$\beta_1 N$**  = Norma subjetiva

**$\beta_2 I$**  = Idade

**$\beta_3 G$**  = Gênero

**$\beta_4 M$**  = Modalidade (Ensino Técnico / Graduação)

**$\beta_5 R$**  = Renda familiar

**$\beta_6 FS$**  = Fatores socioeconômicos

VARIÁVEL DEPENDENTE: INTENÇÃO EMPREENDEDORA				
VARIÁVEL INDEP.	Coeficiente	Erro Padrão	Estatística t	p-valor
Atitude	Retirada			
Norma Subjetiva	.914	.075	12.10	0.000*
Comp. Percebido	Retirada			
Fatores Socioecon.	-.154	.557	-0.28	0.782
Idade	.229	.060	3.77	0.000*
Gênero	-1.603	.567	-2.82	0.005*
Modalidade	.682	.558	1.22	0.222
Renda familiar	1.826	.684	2.67	0.008*
_cons	2.552	1.828	1.40	0.163
* sigf. a 5%				

QUADRO 6: Retiradas duas variáveis da TCP: atitude e comportamento percebido

Fonte: Dados da pesquisa

Ao inserirmos apenas a variável norma subjetiva da TCP (excluindo atitude e comportamento – fatores intrínsecos), a mesma apresentou significância (a 5%) para a intenção empreendedora ( $p=0,000$ ) junto com as variáveis idade ( $p=0,000$ ), gênero ( $p=0,005$ ) e renda ( $p=0,008$ ). Ou seja, estas variáveis representam os possíveis fatores extrínsecos que influenciam a intenção empreendedora quando retiradas os fatores intrínsecos. A variável fatores socioeconômicos manteve-se insignificante como no segundo e terceiro modelo.

Nos próximos modelos, as três variáveis da TCP passarão a ser classificadas como variáveis dependentes para que seja verificada a influência da variável fatores socioeconômicos sobre elas. Começando pela variável norma subjetiva, o modelo 5 fica assim apresentado:

**MODELO 5:**

$$N = \beta_0 + \beta_1 I + \beta_2 G + \beta_3 M + \beta_4 R + \beta_5 FS + \varepsilon_i$$

Onde:

**N** = Norma subjetiva

**$\beta_0$**  = constante

**$\beta_1 I$**  = Idade

**$\beta_2 G$**  = Gênero

**$\beta_3 M$**  = Modalidade

**$\beta_4 R$**  = Renda familiar

**$\beta_5 FS$**  = Fatores socioeconômicos

VARIÁVEL DEPENDENTE: NORMA SUBJETIVA				
VARIÁVEL INDEP.	Coeficiente	Erro Padrão	Estatística t	p-valor
Atitude	Retirada			
Norma Subjetiva	Variável Dependente			
Comp. Percebido	Retirada			
Fatores Socioecon.	-.068	.207	-0.33	0.742
Idade	-.012	.022	-0.57	0.572
Gênero	-.435	.211	-2.06	0.040*
Modalidade	.394	.207	1.90	0.058
Renda familiar	.248	.254	0.98	0.329
_cons	16.880	.487	34.63	0.000*

QUADRO 7: Norma subjetiva como variável dependente no lugar de intenção empreendedora. Retiradas duas variáveis (atitude e comportamento percebido).

Fonte: Dados da pesquisa

O resultado apresentou a variável fatores socioeconômicos não influenciando a norma subjetiva ( $p=0,742$ ). Voltando ao modelo 4, onde somente as variáveis relativas aos fatores extrínsecos foram consideradas e o resultado foi significativo apenas para norma subjetiva ( $p=0,000$ ), podemos concluir que a variável fatores socioeconômicos em nenhum momento influencia a intenção empreendedora, seja diretamente (modelos 1, 2, 3) ou indiretamente (modelo 4), atuando primeiramente sobre a norma subjetiva para que depois esta variável venha a influenciar a intenção empreendedora.

A variável gênero também obteve significância ( $p=0,040$ ) enquanto as demais não influenciam a norma subjetiva chamando a atenção a variável modalidade com  $p=0,058$  (significante a 10%).

Vários autores, como Ajzen (1991) e Linán e Chen (2009), destacaram a importância das variáveis atitude e comportamento dentro da TCP a fim de identificar a intenção empreendedora de um indivíduo. Por isso, primeiramente, a variável atitude passou a ser dependente a fim de verificar o grau de influência da variável “fatores socioeconômicos” sobre ela. Desta forma, passa-se para o próximo modelo:

### **MODELO 6:**

$$A = \beta_0 + \beta_1 I + \beta_2 G + \beta_3 M + \beta_4 R + \beta_5 FS + \varepsilon_i$$

Onde:

**A** = Atitude

$\beta_0$  = constante

$\beta_1$  I = Idade

$\beta_2$  G = Gênero

$\beta_3$  M = Modalidade

$\beta_4$  R = Renda familiar

$\beta_5$  FS = Fatores socioeconômicos

VARIÁVEL DEPENDENTE: ATITUDE				
VARIÁVEL INDEP.	Coeficiente	Erro Padrão	Estatística t	p-valor
Atitude	Variável Dependente			
Norma Subjetiva	Retirada			
Comp. Percebido	Retirada			
Fatores Socioecon.	-.521	.400	-1.30	0.193
Idade	.083	.043	1.90	0.058
Gênero	-1.30	.407	-3.21	0.001*
Modalidade	.911	.400	2.27	0.023*
Renda familiar	1.203	.491	2.45	0.015*
_cons	22.64	.940	24.07	0.000*
* sigf. a 5%				

QUADRO 8: Atitude como variável dependente e retiradas duas variáveis da TCP: norma subjetiva e comportamento percebido.

Fonte: Dados da pesquisa

Assim como nos modelos anteriores, a variável fatores socioeconômicos manteve a sua insignificância ( $p=0.193$ ) enquanto as variáveis de controle gênero ( $p=0,001$ ), modalidade ( $p=0,023$ ) e renda ( $p=0.015$ ) foram as que apresentaram significância para a variável dependente atitude.

Logo abaixo, no modelo 7, substituiremos a variável dependente atitude pela variável comportamento percebido.

**MODELO 7:**

$$\mathbf{CP = \beta_0 + \beta_1 I + \beta_2 G + \beta_3 M + \beta_4 R + \beta_5 FS + \varepsilon_i}$$

Onde:

**CP** = Comportamento

**$\beta_0$**  = constante

**$\beta_1 I$**  = Idade

**$\beta_2 G$**  = Gênero

**$\beta_3 M$**  = Modalidade

**$\beta_4 R$**  = Renda familiar

**$\beta_5 FS$**  = Fatores socioeconômicos

VARIÁVEL DEPENDENTE: COMPORTAMENTO PERCEBIDO				
VARIÁVEL INDEP.	Coeficiente	Erro Padrão	Estatística t	p-valor
Atitude			Retirada	
Norma Subjetiva			Retirada	
Comport. Planejado			Variável Dependente	
Fatores Socioecon.	-1.077	.451	-2.39	0.017*
Idade	.224	.049	4.55	0.000*
Gênero	-1.001	.458	-2.18	0.029*
Modalidade	-.015	.451	-0.03	0.973
Renda familiar	.247	.553	0.45	0.656
_cons	16.66	1.059	15.73	0.000*
* sigf. a 5%				

QUADRO 9: Comportamento Percebido como variável dependente e retiradas duas variáveis da TCP: atitude e norma subjetiva.

Fonte: Dados da pesquisa

O resultado encontrado foi que a variável fatores socioeconômicos influenciou significativamente a variável dependente comportamento percebido ( $p=0,017$ ) assim como as variáveis idade ( $p=0,000$ ) e gênero ( $p=0,029$ ).

Uma vez que a variável comportamento percebido é definida como a percepção de facilidades e dificuldades para ser um empreendedor, por meio dos resultados do modelo 7 podemos afirmar que o fato do estudante participar do Programa de Auxílio Estudantil influencia positivamente nesta percepção. Esta influência foi a única detectada nesta pesquisa.

Se nos modelos de 2 a 7 foi verificada a influência da variável fatores socioeconômicos sobre as demais, neste último modelo esta variável passa a ser classificada como dependente e as demais como independentes. Por ser binária,

utilizou-se o Probit na regressão. Assim, o modelo se apresenta desta forma:

**MODELO 8:**

$$FS = \beta_0 + \beta_1 A + \beta_2 N + \beta_3 Co + \beta_4 I + \beta_5 G + \beta_6 M + \beta_7 R + \varepsilon_i$$

Onde:

**FS** = Fatores Socioeconômicos

**$\beta_0$**  = constante

**$\beta_1 A$**  = Atitude

**$\beta_2 N$**  = Norma subjetiva

**$\beta_3 CP$**  = Comportamento percebido

**$\beta_4 I$**  = Idade

**$\beta_5 G$**  = Gênero

**$\beta_6 M$**  = Modalidade

**$\beta_7 R$**  = Renda familiar

VARIÁVEL DEPENDENTE: FATORES SOCIOECONÔMICOS				
Intenção Empreen.	0.008	.005	1.61	0.107
Atitude	-.010	.007	-1.35	0.178
Norma Subjetiva	.003	.010	0.36	0.715
Comp. Percebido	-.013	.005	-2.48	0.013*
Fatores Socioecon.	Variável Dependente			
Idade	.0313	.008	3.64	0.000*
Gênero	-.3548	.074	-4.78	0.000*
Modalidade	.020	.073	.28	0.782
Renda familiar	-.282	.091	-3.10	0.002*
_cons	.030	.256	0.12	0.905
* sigf. a 5%				

Quadro 10: Influência das variáveis da TCP sobre a variável dependente fatores socioeconômicos.

Fonte: Dados da Pesquisa

Os resultados da regressão do modelo 8 apresentam a influência da variável comportamento percebido sobre a variável fatores socioeconômicos reforçando a dependência entre elas. As demais da TCP mantiveram-se insignificantes e em relação as variáveis de controle, idade ( $p=0.000$ ), gênero ( $p=0.000$ ) e renda ( $p=0.000$ ) apresentaram significância.

A significância da variável fatores socioeconômicos em relação às variáveis da TCP pode ser resumida em:

<b>MODELO</b>	<b>VARIÁVEL DEPENDENTE</b>	<b>VARIÁVEL INDEPENDENTE</b>	<b>SIGNIFICÂNCIA</b>
1	Intenção empreendedora	Fatores Socioeconômicos	0.101
5	Norma subjetiva	Fatores Socioeconômicos	0.742
6	Atitude	Fatores Socioeconômicos	0.193
7	Comportamento Percebido	Fatores Socioeconômicos	0.017*
8	Fatores Socioeconômicos	Intenção empreendedora	0.107
8	Fatores Socioeconômicos	Atitude	0.178
8	Fatores Socioeconômicos	Norma subjetiva	0.715
8	Fatores Socioeconômicos	Comportamento Percebido	0.013*

\* sigf. a 5%

QUADRO 11: Resumo da influência da variável “fatores socioeconômicos” sobre as variáveis da TCP.

Fonte: Dados da pesquisa.

Somando o resultado do quadro acima com o do modelo 1 podemos afirmar que, para esta pesquisa, somente fatores intrínsecos influenciam a intenção empreendedora de estudantes e que a variável fatores socioeconômicos influencia e é influenciada somente pela variável comportamento percebido.

## Capítulo 5

### 5 CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi identificar a influência de fatores extrínsecos e intrínsecos na intenção empreendedora de estudantes e para se chegar a um resultado foram utilizadas quatro variáveis. Duas delas relativas a fatores intrínsecos, atitude e comportamento percebido, ambas retiradas da TCP e duas referentes a fatores extrínsecos: norma subjetiva, também da TCP, e fatores socioeconômicos, relativa a participação ou não de estudantes nos auxílios do Programa de Auxílio Estudantil.

Os resultados obtidos apontam somente fatores intrínsecos (atitude e comportamento percebido) influenciando a intenção empreendedora de estudantes assim como nos estudos de Ajzen (1991), autor da TCP e de outros autores.

Apesar da não influência de fatores extrínsecos na intenção empreendedora, inclusive no que se refere às variáveis de controle, observou-se também que a variável fatores socioeconômicos influencia a variável comportamento percebido que, por sua vez, influencia a intenção empreendedora. Sobre isso, Ajzen (1991) demonstrou que a insignificância das variáveis relativas aos fatores extrínsecos pode estar atrelada a normas sociais, exercendo sua influência diretamente na conveniência percebida e sobre a viabilidade percebida e só, então, indiretamente, sobre a intenção.

Shane et al. (2003), argumentam que, mantendo-se constantes os fatores ambientais, a motivação humana desempenha um papel crítico no processo empreendedor para toda a sociedade no longo prazo. Taylor e White (2006) ressaltam, porém, a importância de reconhecer que a tomada de decisão é influenciada por

juízos morais e como resultado tem de ser sempre considerada como provisória e contestável.

Com resultados divergentes desta pesquisa, Davidsson (2015) argumenta que a influência dos fatores externos sobre os fatores individuais pode ser observada ao examinar os registros de sucessos e insucessos de um dado indivíduo empreendedor em série ao longo de sua carreira. A análise do autor inclui empreendimentos abortados, falhas definitivas ou grandes triunfos empresariais e uma vez que o indivíduo é o mesmo, isso sugere que o conhecimento sobre a pessoa sozinha não pode explicar a ação empreendedora e seus resultados.

A contribuição deste estudo estará no apoio aos programas de empreendedorismo em instituições de ensino destinados a incentivar os estudantes a abrirem o seu próprio negócio, concepção de iniciativas de educação mais eficazes relacionadas ao tema e na confirmação que a TCP é um instrumento que pode ser utilizado para identificar a intenção empreendedora.

As limitações encontram-se na incerteza do comprometimento dos respondentes, o que justifica futuras pesquisas em outras instituições para que novos dados sejam confrontados e seja verificada a existência de alguma distorção mais contundente. Uma limitação encontrada por Turker e Selcuk (2009) também foi constatada nesta: a pesquisa concentra-se em intencionalidade e o comportamento pode não se confirmar no futuro, ou seja, o estudante pode ter uma forte intenção empreendedora nos dias atuais e optar por uma outra carreira no futuro.

Pesquisas futuras poderiam confrontar os dados obtidos entre cada campi do IFES, devendo-se para isto aumentar o número da amostra até que se torne representativa. Outra sugestão seria separar os campi em três grandes grupos, Norte, Sul e Grande Vitória a fim de verificar se há alguma diferença entre o estudante da capital e do interior. Estes estudantes poderiam ser analisados de acordo com a sua idade, gênero (empreendedorismo feminino), modalidade (ensino técnico ou graduação) ou renda e verificar como a intenção empreendedora se comporta em cada grupo visando futura comparação. Nestas pesquisas, poderiam ser identificadas especificidades dos estudantes colaborando para futuras ações do IFES em relação ao empreendedorismo.

Por fim, estender os estudos a outras instituições de ensino do Estado do Espírito Santo, com outras escolas do país e do mundo a fim de identificar particularidades na intenção empreendedora dos estudantes visando dotar os gestores de informações para o planejamento da inserção ou da continuidade do tema Empreendedorismo junto às suas organizações.

## REFERÊNCIAS

ACS, Zoltan. How is entrepreneurship good for economic growth? **Innovations**, 1, 97-107, 2006.

\_\_\_\_\_, Zoltan J., LÁSZLÓ, Szerb. The Global Entrepreneurship Index (GEINDEX). **Foundations and Trends in Entrepreneurship**, v.5 (5), 341-435, 2009.

AJZEN, Icek. Nature and operation of attitudes. **Annual Review of Psychology**, v.52, 27-58, 2001.

\_\_\_\_\_, Icek. The Theory of Planned Behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**. v. 50, 179-211, 1991.

ALVAREZ, Sharon A., BARNEY, Jay B. Entrepreneurial Opportunities and Poverty Alleviation. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 159-184, 2013.

ANCA, Bratu, VIOREL, Cornescu, ELENA, Druica. The Role of The Necessity And The Opportunity Entrepreneurship In Economic Development. **Annals of the University of Oradea, Economic Science Series**, v.18(2), 242-245, 2009.

ARMITAGE, C.J., CONNER, M. Efficacy of the theory of planned behavior: A meta-analytic review. **British Journal of Social Psychology**, v.40, 471-499, 2001.

ASPROMOURGOS, Tony. Entrepreneurship, risk and income distribution in Adam Smith. **European Journal of the History of Economic Thought**, v.2 (1), 21-40, 2014.

ATEF, Tamer; AL-BALUSHI, Massoma. Entrepreneurship as a means for restructuring employment patterns. **Tourism and Hospitality Research**. v.15 (2), 73-90, 2015.

AUTIO, E. KEELEY, R.H., KLOFSTEN, M., PARKER, G.G.C., HAY, M. Entrepreneurial intent among students in Scandinavia and in the USA. **Enterprise and Innovation Management Studies**, v. 2(2), 145-160, 2001.

AZHAR, Abdullah, JAVAID, Annum, REHMAN, Mohsin, HYDER, Asma. Entrepreneurial Intentions among Business Students in Pakistan. **Journal of Business Systems, Governance and Ethics**, v. 5 (2), 13-21, 2011.

BAE, Tae Jun, QIAN, Shanshan, MIAO, Chao, FIET, James O. Entrepreneurship Education and Entrepreneurial Intentions: A Meta-Analytic Review. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 217-254, 2014.

BAPTISTA, Rui, KARAOS, Murat, MENDONÇA, Joana. The impact of human capital on the early success of necessity versus opportunity-based entrepreneurs. **Small**

**Business Economics**, v.42, 831-847, 2014.

BARON, R.A. Cognitive mechanisms in entrepreneurship: Why and when entrepreneurs think differently than other people. **Journal of Business Venturing**, v.13(4), 275–294, 1998.

\_\_\_\_\_, R.A. The cognitive perspective: A valuable tool for answering entrepreneurship's basic "why" questions. **Journal of Business Venturing**, v.19(2), 221–239, 2004.

BASU, Anuradha, GOSWAMI, Arati. South Asian entrepreneurship in Great Britain: factors influencing growth. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v.5 (5), 251 – 275, 1999.

\_\_\_\_\_, Anuradha, VIRICK, Meghna. Assessing Entrepreneurial Intentions Amongst Students: A Comparative Study. **San Jose State University. 12th Annual Meeting of the National Collegiate Inventors and Innovators Alliance, Dallas, USA**, 79-86, 2008.

BIRD, B.J. Implementing entrepreneurial ideas: the case for intention. **Academy of Management Review**, v.13(3), 442-453, 1988.

BLACKBURN, Robert, RAM, Monder. Fix or fixation? The contributions and limitations of entrepreneurship and small firms to combating social exclusion. **Entrepreneurship & Regional Development**, v.18, 73-89, 2006.

BLOCK, J., WAGNER, M. Necessity and opportunity entrepreneurs in Germany: characteristics and earnings differentials. **Schmalenbach Business Review**, v.62(2), 154-174, 2010.

\_\_\_\_\_, SANDNER, P. Necessity and opportunity entrepreneurs and their duration in self-employment: evidence from German micro data. **Journal of Industry, Competition and Trade**, v.9 (2), 117–137, 2009.

BRASIL. **Decreto nº 7.234**, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/pnaes>>. Acesso em: 4 de fev. 2016.

BRUCK, Tilman; NAUDE, Win; VERWIMP, Philip. Business under fire: entrepreneurship and violent conflict in developing countries. **Journal of Conflict Resolution**. v. 57(1), 3-19, 2012.

BRUTON, Garry D., AHLSTROM, David, OBLOJ, Krzysztof. Entrepreneurship in

Emerging Economies: Where Are We Today and Where Should the Research Go in the Future. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 1-14, 2008.

\_\_\_\_\_, Garry D., KETCHEN JR., David J., IRELAND, Duane. Entrepreneurship as a solution to poverty. **Journal of Business Venturing**, v.28, 683–689, 2013.

CAREY, Thomas A., FLANAGAN, David J., PALMER, Timothy B. An Examination of University Student Entrepreneurial Intentions by Type of Venture. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v.15 (4), 503–517, 2010.

CHEN, Yu-Fen, LAI, Ming-Chuan. Factors influencing the entrepreneurial attitude of Taiwanese Tertiary-Level Business Students. **Social Behavior and Personality**, v. 38 (1), 1-12, 2010.

CHEUNGI, Chi-Kim, CHAN, Yuk C.R. The Introduction of Entrepreneurship Education to School Leavers in a Vocational Institute. **International Journal of Scientific Research in Education**, v.4(1), 8-16, 2011.

CHITAKORNKIJSIL, Pranne. Perspectives on Entrepreneurship Opportunities and Internationalization. **The International Journal of Organizational Innovation**, 184-202, 2011.

COLLINS, Christopher J., HANGES, Paul J., LOCKE, Edwin A. The Relationship of Achievement Motivation to Entrepreneurial Behavior: A Meta-Analysis. **Cornell University IRL School**, v. 17 (1), 95-117, 2004.

CUNNINGHAM, J. Barton; LISCHERON, Joe. Defining Entrepreneurship. **Journal of Small Business Management**. v. 29 (1), 45-61, 1991.

DAVIDSSON, P. Continued Entrepreneurship: Ability, Need, and Opportunity as Determinants of Small Firm Growth. **Journal of Business Venturing**, v. 6, 405-429, 1991.

\_\_\_\_\_, P. Determinants of entrepreneurial intentions. **RENT IX Workshop in Entrepreneurship Research**, Piacenza, Italy, 23-24, 1995.

\_\_\_\_\_, P. Entrepreneurial opportunities and the entrepreneurship nexus: A re-conceptualization. **Journal of Business Venturing**, v. 30, 674–695, 2015.

DECKER, Wayne H., CALO, Thomas J., WEER, Christy H. Affiliation motivation and interest in entrepreneurial careers. **Journal of Managerial Psychology**, v. 27 (3), 302-320, 2012.

DELI, Fatma. Opportunity and Necessity Entrepreneurship: Local Unemployment and the Small Firm Effect. **Journal of Management Policy and Practice**, v.12 (4), 38-57, 2011.

DJANKOV, Simeon, QIAN, Yingyi, ROLAND, Gérard, ZHURAVSKAYA, Ekaterina. Who Are China's Entrepreneurs? **American Economic Review**, 1-19, 2006.

DYER JR., W. Gibb, HANDLER, Wendy. Entrepreneurship and Family Business: Exploring the Connections. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 71-83, 1994.

EDOHO, Felix M., Entrepreneurship and socioeconomic development. **African Journal of Economic and Management Studies**, v.6 (2), 127-147, 2015.

ESTAY, Christophe; DURRIEU, François; AKHTER, Manzoo. Entrepreneurship: From motivation to start-up. **Journal International Entrepreneurship**. v. 11, 243-267, 2013.

FALCK, Oliver, HEBLICH, Stephan, LUEDEMANN, Elke. Identity and entrepreneurship: do school peers shape entrepreneurial intentions? **Small Business Economics**, v.39, 39-59, 2012.

FOREMAN-PACK, James S. Seedcorn or Chaff? New Firm Formation and the Performance of the Interwar Economy. **The Economic History Review**, v.38 (3), 402-422, 1985.

FUENTELESZ, Lucio, GONZÁLEZ, Consuelo, MAÍCAS, Juan P., MONTERO, Javier. How different formal institutions affect opportunity and necessity entrepreneurship. **Business Research Quarterly**, v.18, 246-258, 2015.

GADDAM, Soumya. A Conceptual Analysis of Factors Influencing Entrepreneurship Behavior and Actions. **The Icfai Journal of Management Research**, v. 6 (11), 46-63, 2007.

GARBA, Abubakar S., DJAFAR, Fariastuti, MANSOR, Shazali Abu. Evidence of Opportunity and Necessity Driven Entrepreneurship in Nigeria. **Journal of Entrepreneurship, Management & Innovation**, v.9 (3), 57-78, 2013.

GNYAWALI, Devi R., FOGEL, Daniel S. Environments for Entrepreneurship Development: Key Dimensions and Research Implications. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 43-62, 1994.

GURLEY-CALVEZ, Tami, BRUCE, Donald. Do Tax Cuts Promote Entrepreneurial Longevity? **National Tax Journal**, v. 61 (2), 225-250, 2008.

IAKOVLEVA, T. KOLVEREID, L., STEPHAN, U. Entrepreneurial intentions in developing and developed countries, **Education + Training**, v. 53(5), 353-370, 2011.

IFES. Ministério da Educação (MEC). **Política de Assistência Estudantil do IFES**. Disponível em: <[http://www.sr.ifes.edu.br/images/stories/POLITICA\\_APROVADA.pdf](http://www.sr.ifes.edu.br/images/stories/POLITICA_APROVADA.pdf)>. Acesso em: 4 de fev. 2016.

ISMAIL, Mohammad, KHALID, Shaiful A., OTHMAN, Mahmod. **International Journal of Business and Management**, v. 4 (10), 54-60, 2009.

JANSEN, Slinger, VAN DER ZANDE, Tommy, BRINKKEMPER, Sjaak, STAM, Erik, VARMA, Vasudeva. How education, stimulation, and incubation encourage student entrepreneurship: Observations from MIT, IIT, and Utrecht University. **The International Journal of Management Education**, v. 13, 170-181, 2015.

KARNANI, Aneel. Mirage at the bottom of the pyramid. How the private sector can help alleviate poverty. **William Davidson Institute Working - University of Michigan**, 1-27, 2006.

KHAVUL, Suzanna. Microfinance: Creating Opportunities for the Poor? **Academy of Management Perspectives**, 57-71, 2010.

KIHLSTROM, Richard E., LAFFONT, Jean-Jaques. A General Equilibrium Entrepreneurial Theory of Firm Formation Based on Risk Aversion. **Journal of Political Economy**, v.87 (4), 719-748, 1979.

KIMHI, Ayal. Entrepreneurship and income inequality in southern Ethiopia. **Small Business Economics**, v.34, 81–91, 2010.

KOELLINGER, Philipp, MINNITI, Maria, SCHADE, Christian. “I think I can, I think I can”: Overconfidence and entrepreneurial behavior. **Journal of Economic Psychology**, v.28, 502–527, 2007.

KOLVEREID, Lars. Prediction of Employment Status Choice Intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 47-57, 1996.

KOURILSKY, Marilyn, ESFANDIARI, Mahtash. Socioeconomic Black Youth: An Empirical Investigation. **The Urban Review**, v.29 (3), 205-215, 1997.

KOVALAINEN, Anne. Influencing attitudes and skills for entrepreneurship and SME growth. **Turku School of Economics and Business Administration - OECD Papers**, v. 6 (12), 89-103, 2006.

KRISTIANSEN, S., INDARTI, N. Entrepreneurial intention among Indonesian and Norwegian students. **Journal of Enterprising Culture**, 12(1), 55–78, 2004.

KRUEGER, N. F., REILLY, M.D., CARSRUD, A.L. Competing models of entrepreneurial intentions. **Journal of Business Venturing**, v.15, 411–432, 2000.

KRUEGER JR., Norris F., BRAZEAL, Deborah V. Entrepreneurial Potential and Potential Entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 91-104, 1994.

LAZEAR, Edward P. Entrepreneurship. **Journal of Labor Economics**, v.23 (4), 649-680, 2005.

LEUNG, Kwok-Yiu, LO, Choi-Tung, SUN, Hongyi, WONG, Kam-Fai. Factors influencing engineering student's intention to participate in on-campus entrepreneurial activities. **Journal of Entrepreneurship Education**, v.15, 1-19, 2012.

LE'VESQUEA, Moren, MINNITI, Maria. The effect of aging on entrepreneurial behavior. **Journal of Business Venturing**, v.21, 177–194, 2006.

LINÁN, Francisco, CHEN, Yi-Wen. Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 593-617, 2009.

\_\_\_\_\_, Francisco, CHEN, Yi-Wen. Testing the entrepreneurial intention model on a two-country sample. **Working paper. Barcelona, Spain: University of Barcelona**, 1-28, 2006.

\_\_\_\_\_, Francisco. Intention-based models of entrepreneurship education. **Piccola Impresa / Small Business**, 11–35, 2004.

\_\_\_\_\_, Francisco, RODRÍGUEZ-COHARD, Juan Carlos, RUEDA-CANTUCHE, José M. Factors affecting entrepreneurial intention levels: a role for education. **International Entrepreneurship Management Journal**, v. 7, 195-218, 2011.

\_\_\_\_\_, Francisco, SANTOS, F.J. Does social capital affect entrepreneurial intentions? **International Advances in Economic Research**, v.13(4), 443–453, 2007.

\_\_\_\_\_, Francisco. Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions? **International Entrepreneurship and Management**, v.4, 257-272, 2008.

LINDQUIST, Matthew J., SOL, Joeri, VAN PRAAG, Mirjam. Why Do Entrepreneurial Parents Have Entrepreneurial Children? **Journal of Labor Economics**, v. 33 (2), 269-296, 2015.

LING, Hannes, VENESAAR, Urve. Enhancing Entrepreneurship Education in Engineering Students to Increase Their Metacognitive Abilities: Analysis of Student Self-Assessments. **Inzinerine Ekonomika-Engineering Economics**, v.26(3), 333–342, 2015.

LLISTERRI, Juan J.; KANTIS, Hugo; ANGELELLI, Pablo; TEJERINA, Luis. Is Youth Entrepreneurship a Necessity or an Opportunity? **Inter-American Development Bank**. 1-18, 2006.

LUMPKIN, G.T., DESS, Gregory G. Clarifying the entrepreneurial orientation construct and linking it to performance. **Academy of Management Review**, v. 21 (1), 135-172, 1996.

LUTHJE, Christian, FRANKE, Nikolaus. The 'making' of an entrepreneur: testing a model of entrepreneurial intent among engineering students at MIT. **R&D Management**, v. 33 (2), 135–147, 2003.

MALECKI, Edward J. Entrepreneurship in Regional and Local Development. **International Regional Science Review**. v. 16 (1&2), 119-153, 1993.

MARCHAND, Julien, HERMENS, Antoine. Student Entrepreneurship: A Research Agenda. **The International Journal of Organizational Innovation**, v.8(2), 266-281, 2015.

MARTIN, Roger L., OSBERG, Sally. Social Entrepreneurship: The Case for Definition. **Stanford Social Innovation Review**, 29-39, 2007.

MARTINEZ, D., MORA, J.G., VILA, L. Entrepreneurs, the self-employed and employees amongst young. European higher education graduates. **European Journal of Education**, v. 42(1), 99-117, 2007.

MEEK, William R., PACHECO, Desirré F., YORK, Jeffrey G. The impact of social norms on entrepreneurial action: Evidence from the environmental entrepreneurship context. **Journal of Business Venturing**, v.25, 493–509, 2010.

MINNITI, Maria, NARDONE, Carlo. Being in Someone Else's Shoes: The Role of Gender in Nascent Entrepreneurship. **Small Business Economics**, v. 28, 223–238, 2007.

MITCHELL, Ronald K., BUSENITZ, Lowell, LANT, Theresa, MCDUGALL, Patricia, MORSE, Eric A., SMITH, J. Brock. Toward a Theory of Entrepreneurial Cognition: Rethinking the People Side of Entrepreneurship Research. **Entrepreneurship Theory and Practice**, 93-104, 2002.

- MONTANYE, James. Entrepreneurship. **The Independent Review**. v. 10 (4), 547-569, 2006.
- MORENO, Justo J., CASTILLO, Leopoldo L., MASERE, Elio Z. Firm size and entrepreneurial characteristics: Evidence from the SME sector in Argentina. **Journal of Business Economics and Management**, v. 11 (2), 259–282, 2010.
- NAFZIGER, E. Wayne. Entrepreneurship, Social Mobility, and Income Redistribution in South India. **American Economic Review**, v. 67(1), 76-80, 1977.
- NAIR, K.R.G., PANDEY, A. Characteristics of Entrepreneurs: An Empirical Analysis. **The Journal of Entrepreneurship**, v.15 (1), 47-61, 2006.
- NDIRANGU, M., BOSIRE, J. Student entrepreneurship on campus: a survival response or a career rehearsal? The case of Egerton University student entrepreneurs. **Eastern Africa Social Science Research Review**, v.20, 151-66, 2004.
- PAÇO, Arminda M.F., FERREIRA, João M., RAPOSO, Mário, RODRIGUES, Ricardo G., DINIS, Anabela. Behaviours and entrepreneurial intention: Empirical findings about secondary students. **Journal of International Entrepreneurship**, v.9, 20-38, 2011.
- PAPZAN, Abdolhamid, AFSHARZADE, Nashmil, MORADI, Khadijeh. Entrepreneurial Intention Determinants: An Empirical Model and a Case of Iranian Students in Malaysia. **Journal of Entrepreneurship Management and Innovation**, v. 9 (3), 43-55, 2013.
- PENDIUC, Tudor, LIS, Elena C. Analysys of entrepreneurship in Romania comparative with the EU Countries. **Problems of Manegement in the 21 Century**, v. 8, 81-93, 2013.
- RANTANEN, Teemu, TOIKKO, Timo. Entrepreneurship, Social Welfare and Cultural Values: Young Peoples's Social Attitudes in Finland. **Advances in Business – Related Scientific Research Journal**, v. 5 (1), 13-23, 2014.
- ROBLEDO, J.R., VALLESPIN, M., RODRIGUEZ, M. The moderating role of gender on entrepreneurial intentions: A TPB perspective. **Intangible Capital**, v. 11(1), 92-117, 2015.
- ROSA, Peter J., KODITHUWAKKU, Sarath, BALUNYWA, Waswa. Entrepreneurial Motivation in Developing Countries: What does "Necessity" and "Opportunity" really mean? **Frontiers of Entrepreneurship**, v.26 (20), Article 4, 2006.
- SCHUMPETER, J.A. **Essays: On Entrepreneurs, Innovations, Business Cycles and the Evolution of Capitalism**. Transaction Books, 1951.

SCHWENKENBERG, Julia M. Income Distribution and the Occupational Choices of Entrepreneurs. **Journal of Economic Analysis & Policy**, v.14 (1), 55–80, 2014.

SEGAL, Gerry, BORGIA, Dan, SCHONENFELD, Jerry. The motivation to become an entrepreneur. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, v.11 (1), 42-57, 2005.

SHANE, Scott, LOCKE, Edwin A., COLLINS, Christopher J. Entrepreneurial Motivation. **Human Resource Management Review**, v. 13 (2), 257-279, 2003.

SHOOK, C.L., PRIEM, R.L., McGEE, J.E. Venture creation and the enterprising individual: A review and synthesis. **Journal of Management**, v.29, 379–399, 2003.

SOUITARIS, V., ZERBINATI, S., AL-LAHAM, A. Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. **Journal of Business Venturing**, v. 22(4), 566-591, 2007

SUSANJ, Zoran, JAKOPEC, Ana, KRECAR, Irena M. Verifying the Modelo of Predicting Entrepreneurial Intention among Students of Business and Non-Business Orientation. **Management**, v 20(2), 49-69, 2015.

TAYLOR, C., WHITE, S. Knowledge and Reasoning in Social Work: Educating for Humane Judgment. **British Journal of Social Work**, v.36, 937–54, 2006.

THÉBAUD, Sarah. Gender and Entrepreneurship as a Career Choice: Do Self-assessments of Ability Matter? **Social Psychology Quarterly**, v. 73 (3), 288-304, 2010.

TKACHEV, A, KOLVEREID, L. Self-employment intentions among Russian students. **Entrepreneurship and Regional Development**, v.11(3), 269–280, 1999.

TLAISS, Hayfaa A. Women's Entrepreneurship, Barriers and Culture: Insights from the United Arab Emirates. **The Journal of Entrepreneurship**, v. 23(2), 289–320, 2014.

TURKER, Duygu, SELCUK, Senen S. Which factors affect entrepreneurial intention of university students? **Journal of European Industrial Training**, v. 33 (2), 142-159, 2009

URBANO, David, GUERRERO, Maribel. Entrepreneurial Universities: Socioeconomic Impacts of Academic Entrepreneurship in a European Region. **Economic Development Quarterly**, v.27(1), 40-55, 2013.

VECIANA, J.M., APONTE, M., URBANO, D. University students' attitudes towards entrepreneurship: A two countries comparison. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v.1(2), 165–182, 2005.

WALTER, S.G., PARBOTEEAH, K.P., WALTER, A. University Departments and Selfemployment Intentions of Business Students: a cross-level analysis. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v.37 (2), 175-200, 2013.

WYRWICH, Michael. Can socioeconomic heritage produce a lost generation with regard to entrepreneurship? **Journal of Business Venturing**, v.28, 667–682, 2013.

YANG, Jianfeng. The Theory of Planned Behavior and Prediction of Entrepreneurial Intention among Chinese Undergraduates. **Social Behavior and Personality**, v.41 (3), 367-376, 2013.

ZAL, Pihie. Entrepreneurship as a career choice: an analysis of entrepreneurial self-efficacy and intentions of university students. **European Journal of Social Sciences**, v. 9(2), 338-349, 2009.

ZAMFIR, Ana M., LUNGU, Eliza O., MOCANU, Cristina. Entrepreneurship among higher education graduates in 13 European countries. **Theoretical and Applied Economics**. v. 20 (11), 73-82, 2013.

ZHANG, Pingying, WANG, Dongyuan, OWEN, Crystal L. A Study of Entrepreneurial Intention of University Students. **Entrepreneurship Research Journal**, v. 5 (1), 61-82, 2015.

## APÊNDICE A – Questionário

Prezado aluno,

Sou servidor do IFES e mestrando em Administração na FUCAPE e lhe convido a participar desta pesquisa que tem como objetivo identificar a influência de fatores socioeconômicos na intenção empreendedora de estudantes.

Você não precisará se identificar.

Agradeço a sua participação.

Emerson Atilio Birchler

CONCORDO EM PARTICIPAR DESTA PESQUISA ( ) SIM ( ) NÃO

TENHO MAIS QUE 18 ANOS ( ) SIM ( ) NÃO

CAMPUS: \_\_\_\_\_

1. Indique o seu grau de concordância com as seguintes frases de 1 (total discordância) a 7 (concordância total).

Afirmação	Discordo totalmente      Concordo totalmente						
	←			→			
	1	2	3	4	5	6	7
1.a – Ser um empreendedor implica mais vantagens que desvantagens para mim.							
1.b – Uma carreira como empreendedor é mais atraente para mim.							
1.c – Se eu tivesse a oportunidade e recursos, eu gostaria de começar uma empresa							
1.d – Ser um empreendedor implicaria grandes satisfações para mim.							
1.e – Entre várias opções, eu preferiria ser um empreendedor							

2. Se você decidisse criar uma empresa, as pessoas em seu ambiente próximo aprovariam essa decisão? Indicar a partir de 1 (desaprovação total ) a 7 (aprovação total).

Afirmação	Desaprovação total				Aprovação total		
	←				→		
	1	2	3	4	5	6	7
2.a Seus familiares próximos							
2.b Seus amigos							
2.c Seus colegas de escola							

3. Até que ponto você concorda com as seguintes afirmações a respeito de sua capacidade empreendedora? Valorizá-las a partir de 1 (total discordância) a 7 (concordância total).

Afirmação	Discordo totalmente				Concordo totalmente		
	←				→		
	1	2	3	4	5	6	7
3.a – Para iniciar uma empresa e mantê-la aberta seria fácil para mim.							
3.b – Estou preparado para começar uma empresa viável.							
3.c – Eu posso controlar o processo de criação de uma nova empresa.							
3.d – Eu sei os detalhes práticos necessários para iniciar uma nova empresa.							
3.e – Eu sei como desenvolver um projeto empresarial.							
3.f – Se eu tentasse iniciar uma empresa, eu teria uma alta probabilidade de sucesso.							

4. Indique o seu nível de concordância com as seguintes afirmações de 1 (total discordância) a 7 (concordância total).

Afirmação	Discordo totalmente				Concordo totalmente		
	←				→		
	1	2	3	4	5	6	7
4.1 – Eu estou pronto para fazer qualquer coisa para ser um empreendedor.							
4.b – Meu objetivo profissional é se tornar um empreendedor.							
4.c – Vou fazer todos os esforços para iniciar e executar a minha própria empresa.							

4.d – Estou determinado a criar uma empresa no futuro.							
4.e – Tenho pensado seriamente em começar uma empresa.							
4.f – Tenho a firme intenção de começar uma empresa algum dia.							

5. Idade: \_\_\_\_\_ anos.

6. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino

7. Curso: \_\_\_\_\_ 8. Período: \_\_\_\_\_

9. Modalidade (ensino técnico/graduação): \_\_\_\_\_

10. A renda de sua família é de: ( ) até R\$ 1.000,00  
 ( ) de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00 ( ) de R\$ 2.000,00 a R\$ 3.000,00  
 ( ) de R\$ 3.000,00 a R\$ 4.000,00 ( ) acima de R\$ 4.000,00

11. Você participa de auxílios alimentação, transporte ou moradia da Assistência Estudantil?

( ) Sim ( ) Não

Pesquisa aprovada no CEP/IFES – CAAE Nº 51159815.2.0000.5072 – PARECER Nº 1365868.

## APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "A INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIOECONÔMICOS NA INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ESTUDANTES". Sua participação na pesquisa consistirá em responder 26 itens de um questionário. O tempo estimado para isto é de aproximadamente 5 minutos.

a) Esta pesquisa justifica-se pela importância do tema empreendedorismo para o desenvolvimento econômico e social de uma sociedade e, em especial, para o crescimento profissional de estudantes. Seu objetivo será aferir a intenção empreendedora de estudantes e verificar se fatores socioeconômicos tem influência sobre a mesma. Para isto, estamos aplicando um questionário contendo variáveis (atitude, norma subjetiva e comportamento) que possam a vir influenciar a intenção empreendedora de estudantes somada a variável fatores socioeconômicos visando separar os estudantes em dois grupos socioeconomicamente distintos. Para esta última, será perguntada sobre a participação ou não em programas de atenção primária (auxílio moradia, transporte e alimentação) da Política de Assistência Estudantil. As respostas do questionário serão transformadas em um conjunto de dados numéricos que depois serão analisados estatisticamente.

b) Os riscos envolvidos em sua participação são o constrangimento ou desconforto ao responder o questionário. Para minimizar estes riscos, o questionário será preenchido de forma voluntária e anônima (sem identificação), garantindo o sigilo sobre a sua identidade. Já os benefícios relacionados com a sua participação serão a expansão do conhecimento teórico e prático sobre o empreendedorismo e a intenção empreendedora de estudantes refletindo em mais informações sobre o tema quando for apresentado aos estudantes.

c) Caso ocorra algum dano, serão providenciadas as devidas indenizações e ressarcimentos por parte do pesquisador.

d) Você poderá, em qualquer fase desta pesquisa, recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, não envolvendo nenhuma penalização.

e) Garantimos a manutenção do sigilo e de sua privacidade durante toda a fase da pesquisa.

f) Você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

g) Garantimos que todas as despesas tidas pelos participantes desta pesquisa e dela decorrentes serão ressarcidas.

h) Caso ocorra eventuais danos decorrentes da pesquisa, garantimos indenização.

i) Pesquisador Responsável: Emerson Atilio Birchler.

Telefone e e-mail do pesquisador: (27) 3348 9224/ [ebirchler@gmail.com](mailto:ebirchler@gmail.com)

Endereço Institucional: Rod. ES 010, Km 6,5 - Bairro Manguinhos - Serra (ES)– CEP 29173-087.

Nome da Instituição do Pesquisador: Instituto Federal do Espírito Santo.

j) Os participantes da pesquisa e a comunidade em geral poderão entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal do Espírito Santo – IFES- para obter informações específicas sobre a aprovação deste projeto ou demais informações por meio do e-mail: [etica.pesquisa@ifes.edu.br](mailto:etica.pesquisa@ifes.edu.br) ou tel/fax: (27) 33577518.

k) Caso tenha entendido os objetivos, riscos e benefícios de sua participação e concorde em fazer parte do estudo, marque a caixa “CONCORDO EM PARTICIPAR DA PESQUISA” no questionário da pesquisa.

---

Emerson Atilio Birchler

---

Pesquisador